



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

MARIA ELIANA LEAL

**OS USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: AS RELAÇÕES
ENTRE O CURRÍCULO PRESCRITO E PRATICADO.**

**PICOS –PI
2017**

MARIA ELIANA LEAL

**OS USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: AS RELAÇÕES
ENTRE O CURRÍCULO PRESCRITO E PRATICADO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí– UFPI para obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História, sob a orientação da professora Ms. Carla Silvino de Oliveira.

PICOS - PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

L435u Leal, Maria Eliana

Os usos do livro didático de história: as relações entre o currículo prescrito e praticado. / Maria Eliana Leal. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (73 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí. Picos, 2018.

Orientador: Profª. Ma. Carla Silvino de Oliveira.

1. Currículo. 2 . Livro Didático de História.4.Prática Pedagógica.
I.Título

CDD371.32



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) do mês de Julho de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Maria Eliana Leal** sob o título **O uso do livro didático de História: as relações entre o currículo prescrito e o praticado**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^ª Ma. Carla Silvano de Oliveira

Examinador 1: Prof^ª Ma. Simone Vieira Batista

Examinador 2: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 06 de Julho de 2017

Orientador (a): Carla Silvano de Oliveira
Examinador (a) 1: Simone Vieira Batista
Examinador (a) 2: Raimundo Nonato Lima dos Santos

Dedico aos meus pais, meus filhos, à minha família e aos amigos por todo carinho e compreensão a mim conferidos durante toda essa jornada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos na minha vida.

Aos meus pais, meus filhos que sempre estiveram ao meu lado com amor e paciência!

A professora Carla Silvino por sempre se dispor, transmitir saberes, jamais negando sua ajuda e contribuindo, portanto, para a realização dessa importante Monografia.

A professora pesquisada pela disponibilidade em nos ceder as suas turmas para observação sem nenhum empecilho, sempre disposta a responder os questionamentos, como também ao Ginásio Municipal de Sussuapara pela ótima recepção, por permitir conviver, ensinar e aprender com eles.

Agradeço aos professores participantes da banca examinadora que dividiram comigo este momento tão importante e esperado: Prof. Ms. Carla Silvino, Prof. Ms. Simone Vieira Batista e Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Agradeço também aos colegas de turma pela troca de experiências, pelas vezes que recorremos em momentos de dúvidas e pela atenção na hora de partilhar angústias em meio a tantas atividades.

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.(PAULO FREIRE)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo a análise do uso do livro didático de História, mas especificamente, a forma que o livro é utilizado para o processo de aprendizagem do aluno e como ferramenta de trabalho do professor; analisando as relações dos professores com os conceitos da História a partir da relação que os mesmos estabelecem como forma de organização do ensino, visto que esta é uma atividade inerente à função do professor e ao mesmo tempo norteia a boa execução do seu trabalho. Para a construção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Belo (2002) que contribui para compreendermos o passado do livro integrando em diversos contextos sociais estendendo a toda comunicação escrita, Silva (2011) e Sacristàn (2000) que trazem as acepções acerca do currículo, embasando o estudo e parte essencial da pesquisa, a pesquisa de campo no Ginásio Municipal de Sussuapara- PIem que identificou que o livro didático contém informações e conceitos capazes de conduzem à aprendizagem para construção de conhecimentos empíricos, diálogos, troca de saberes entre professores e alunos, bem como exposição de ideias, opiniões, sugestões, e o desenvolvimento do processo de ensino- aprendizagem. Realizou-se também uma relação entre o currículo prescrito e o praticado. Além da análise do manual didático, a professora foi submetida a questionamentos, utilizando- se como instrumento a aplicação de um questionário. A partir dos dados coletados foi feita uma análise e concluímos que o livro analisado, embora traga vários recursos convidativos, a docente pesquisada nega o Livro didático, pois, são detectados traços de concepções tradicionais no ensino de História em favor de um ensino conteudista ao retratar os fatos passados, não aguça no aluno a curiosidade em questionar-se sobre a influência desses fatos na atualidade.

Palavras Chaves: Currículo. Livro didático de História. Prática Pedagógica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ENSINO DE HISTÓRIA, UM CAMPO DE PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DOS LIVROS.....	18
1.1 Conhecendo a trajetória da História do Livro.....	18
1.2 Conhecendo a trajetória da História do Livro Didático no Brasil.....	26
1.3 História e Ensino de História.....	30
2 USO DO LIVRO DIDÁTICO: DA DISCUSSÃO METODOLÓGICA AO CURRÍCULO PRESCRITO,ESCOLHA E APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO.....	37
2.1 Caracterização da pesquisa.....	37
2.2 Cenário da Pesquisa.....	38
2.3 Currículo Prescrito.....	40
2.4 Escolha e Apresentação do Livro Didático.....	44
3 USO DO LIVRO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	50
3.1 Didática: uma retrospectiva histórica.....	50
3.2 A aula de História do 7º ano em análise: observações do uso do livro didático.....	55
3.3 A aula de História do 8º ano em análise: observações do uso do livro didático.....	58
3.4 A aula de História do 9º ano em análise: observações do uso do livro didático.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira sofreu significativas mudanças ao longo dos anos, no que diz respeito as grandes transformações ocorridas em nosso país desde o processo de colonização pelos europeus até a contemporaneidade, pode-se visualizar essas alterações na educação. No contexto da colonização os primeiros índios recebiam um ensino voltado a catequização e salvação das almas, que eram atribuídas aos Jesuítas esses ensinamentos e por isso Costa¹ afirma que conhecendo como se deu o processo inicial de colonização pode-se compreender as raízes tanto da educação quanto da cultura brasileira.

Atualmente há um apoio governamental e institucional nesse âmbito que se volta para a cidadania e coletividade, em que constituem alguns pontos encontrados nas diversas escolas do Brasil: ensino orientado por séries, classes heterogêneas, materiais didáticos, professores específicos para as diversas áreas do conhecimento.

A Constituição Federal de 1988² prevê no artigo 206, inciso I e IV que é dever do Estado oferecer igualdade de condições para o acesso e permanência na escola como também gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais, mas o governo federal, desde o início do século XX, vem investindo em programas³ que garantem o acesso aos recursos didáticos. Desta forma, o livro didático para o Ensino Fundamental apresenta-se como uma ferramenta para a compreensão de diversos temas necessários a uma aprendizagem teórica, que é importante para diversas áreas, sem contar que se constitui em um essencial suporte teórico para os docentes planejarem e efetuarem suas aulas, em todas as disciplinas, sem exceção.

A presente pesquisa propôs discutir sobre o uso do livro didático de História e suas especificidades: a forma que o livro é utilizado para o processo de aprendizagem do aluno e como ferramenta de trabalho do professor; analisando as relações dos professores com os conceitos da História a partir da relação que os mesmos estabelecem com os livros no planejamento e desenvolvimento de suas aulas; identificando se o livro didático conduz à aprendizagem para construção de conhecimentos empíricos, levando em consideração o conhecimento do aluno ao ingressar na escola e a realidade que o cerca.

¹COSTA, Mariza Domingos da. Catequese e educação dos indígenas na colônia- alguns apontamentos. Universidade Estadual do Maringá. Junho/2009.

²BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

³Como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem por objetivo a compra e distribuição de obras didáticas aos alunos do ensino fundamental e médio, na modalidade regular ou Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Apresentando também discussões acerca da importância do uso do livro didático destacando se ele está adequado para o ano de ensino a que foi destinado verificando se na seleção dos conteúdos o professor dá espaço para que os alunos também tragam seus conhecimentos e vivências culturais e ainda analisando as formas como os conteúdos apresentados nestes exemplares influenciam na aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental II e na qualidade das aulas identificando o tipo de participação e interesse dos alunos pelo conhecimento trabalhado em sala de aula a partir do livro didático.

O livro didático é um recurso pedagógico e para que este possa desempenhar um papel mais efetivo no processo educativo como um dos instrumentos de trabalho de professores e alunos, torna-se necessário entendê-lo em todas as suas dimensões e complexidades. Nas últimas décadas do século XX, foram definidos também programas, como o Plano Nacional do Livro didático (PNDL), com o intuito de avaliar aspectos relativos aos conhecimentos e metodologias presentes nesses materiais, as formas de seleção dos livros passaram por transformações ao longo do século, na direção de dar aos professores maior espaço e autonomia na escolha do material a ser usado em suas aulas.

Diante disso a questão que se impõe em relação primeiro ao nível de elaboração do livro didático é: qual conteúdo deve ter um livro didático (no caso o do estudo, o livro de História) para propiciar uma maior aprendizagem ao aluno? Como o livro é definido, conceituado e por quem para o processo de aprendizagem do aluno e ferramenta de trabalho do professor?

No nível de utilização do livro didático: como o livro didático é utilizado pelo professor? Qual o papel do livro didático na e para o trabalho docente? Como é a postura do professor sobre o livro didático? Como o professor pensa a utilidade pedagógica do livro didático? Os livros são adequados? Os exercícios do livro didático, as atividades ajudam o aluno a pensar e desenvolver o raciocínio crítico? As ilustrações contribuem para a compreensão dos textos?

No nível de análise do livro didático: A ação docente combinada com o instrumento de apoio na preparação e desenvolvimento das aulas em sala de aula está obtendo, ou não, os resultados previstos pelo Guia do Livro Didático do Ministério da Educação (MEC) através da Secretaria de Educação? Esses questionamentos são dignos de uma reflexão profunda e crítica, sendo de fundamental importância a discussão e análises sobre esses aspectos levando em consideração o conhecimento do aluno ao ingressar na escola e a realidade que o cerca.

Levando-se em conta a temática do Ensino de História, efetuamos nesta pesquisa uma análise do livro didático, utilizado na escola Ginásio Municipal de Sussuapara- PI, nas aulas

de História das quatro últimas séries do Ensino Fundamental II, ou seja, 7^a, 8^a e 9^a anos respectivamente, a escolha dessas séries foi por conta que a docente pesquisada leciona nessas três séries em que demos prioridade por ser efetiva da disciplina de História e seu tempo de atuação são 20 anos de ensino no mesmo colégio. A coleção *História: Sociedade & Cidadania* Alfredo Boulos Júnior- 3. Ed.- São Paulo: FTD, 2015, obra em 4 volumes para alunos do 6^a ao 9^a ano trabalhadas na cidade de Sussuapara- PI. Assim a presente pesquisa justifica-se diante de uma inquietação e até mesmo preocupação em compreender qual a importância que docentes atribuem ao livro didático enquanto instrumento, guia de apoio a eles na preparação e desenvolvimento das aulas, bem como de qual forma utilizam esse recurso didático para que assim conduzam à aprendizagem, levando a construção de conhecimentos.

A escolha do tema e da referida Unidade Escolar se deu porque vivo na comunidade escolar, sou Coordenadora do Programa Novo Mais Educação e tenho contato direto com a escola e a docente, e pelo o interesse em fazer uma análise a respeito da utilização do livro didático levando em conta a importância em pesquisar e discutir sobre: Quais são as práticas pedagógicas aplicadas ao ensino da disciplina de História, no Ginásio Municipal de Sussuapara- PI?

A viabilidade da pesquisa está relacionada às relações do ensino de História com o recurso do livro didático, tendo oportunidade de ouvir a professora e coletar informações que subsidiem o estudo acerca da sua atuação. Essa temática destacou-se entre outras por ser relevante e importante no contexto educacional, pois o livro didático deve deixar de ser encarado como um simples manual escolar passando assim a ser visto como um complexo objeto cultural que enseja novas possibilidades de pesquisa.

A pesquisa incluiu uma professora da referida unidade, por questão de ética ocultaremos o seu nome garantindo sigilo das informações pessoais. Inicialmente analisamos questões relativas à escola e como é realizada a escolha do livro didático assim investigamos a relação de pertinência do material didático (a didática do professor pelo seu plano de aula) com o conteúdo que está sendo trabalhado, averiguando se o conhecimento empírico e o conhecimento prévio dos alunos estão sendo considerados durante as aulas.

Ao longo do contato com os sujeitos, a docente e os discentes, percebemos suas perspectivas e a realidade sobre a utilização do livro didático na referida escola do ensino fundamental II para o sucesso do ensino-aprendizagem tão desejado pelo governo, professor e alunos. Faremos uma discussão primeiramente sobre o currículo prescrito para assim

compreender se há o distanciamento entre o currículo em ação (aquele que ocorre em sala de aula).

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória através das informações obtidas oralmente e através de um questionário respondido pela docente. Para coleta de dados, a observação da experiência, da vivência em sala de aula do professor, recolhendo dados a partir de fontes diretas alunos, professora e a equipe de gestão da escola que vivenciaram ou tem conhecimento sobre o tema, fato ou situação. Este estudo foi baseado na investigação que foi realizada durante o período de aulas no mês de Maio de 2017, envolveu a observação e o contato direto na sala de aula e assim investigamos a utilização do livro.

A metodologia empregada está estruturada nas leituras teóricas, avaliação das possibilidades do campo de prática e a observação do trabalho docente em que foram pensados a partir de dados colhidos em um roteiro de observação do trabalho docente como também relato oral e questionário aplicado com a Professora de História efetiva da referida escola, o objetivo foram compreender o processo ou a prática que pudessem esclarecer a respeito dos usos do livro didático no processo de desenvolvimento, preparação e execução das aulas ministradas pela docente. É importante lembrar que a sala de aula se configura como o ambiente prático por excelência de transformação da atividade docente, em ambiente de aprimoramento, observação, e relevante para se pensar a didática do Ensino.

As questões, já acima mencionadas, foram necessárias para a seleção e utilização dos livros didáticos e saber da perspectiva da aprendizagem como construção do conhecimento, respeitando o que o aluno possui ao ingressar na escola. Foram feitas também análise dos conteúdos e as metodologias apresentadas no livro utilizado para uma avaliação se estas proporcionam o desenvolvimento de habilidades e competências dos discentes.

Frison (2009) diz que o livro didático é um recurso facilitador da aprendizagem e instrumento de apoio à prática pedagógica auxilia o estudante quanto a ampliar sua compreensão, interpretação e, também ao professor para conduzir os temas e orientar a pesquisa, por isso este recurso didático, quando aproveitado da melhor maneira, é de fundamental importância, pois além de fornecer, organizar e sistematizar conteúdos explícitos, inclui métodos de aprendizagem das disciplinas. (FRISON, 2009 p.29)

É relevante pontuarmos que o professor ao usar o Livro Didático que é um tipo de currículo prescrito (oficial) ele pode reproduzir o Livro Didático tal qual, pode intervir nesse manual e acrescentar e modificar o currículo prescrito ou até mesmo negá-lo, excluindo, fazendo-nos inferir que o uso dele pelo Professor não tem receita. Depende da

postura do docente e a relação dele com o currículo praticado ou currículo em ação(aquele que ocorre em sala de aula).

O livro didático possui vantagens e intencionalidades, cabendo uma análise sucinta para ver o perfil de cada um. Muitos apresentam intencionalidades que se manifestam, por exemplo, nas escolhas e forma de tratamento dos textos; conteúdos os quais dão mais ênfase a alguns conteúdos em detrimento de outros, dando ênfase sobre determinadas questões e trazendo até mesmo um conteúdo resumido, isso torna-se às vezes uma difícil interpretação cabendo ao educador lançar mãos de métodos que esclareçam o contexto proporcionando assim uma melhor aprendizagem.

Por isso é de grande interesse da pesquisa saber de todos esses fatos bem como se esses docentes são facilitadores no processo de ensino e aprendizagem. Então é no currículo praticado que o docente poderá intervir ou não no Livro Didático. A pesquisa analisa o currículo praticado nessa perspectiva do uso do LD. A pergunta central é: Qual a postura do docente analisado? Existe uma postura ideal? Para essa discussão sobre a definição do currículo utilizaremos Silva (2011), Sacristàn (2000) e Sousa e Kawamura (2010) que trazem as acepções acerca do currículo.

É costumeiro ouvirmos falar que na vivência escolar é muito frustrante para professores lidarem com a ansiedade de enfrentar todos os dias uma turma que não tem interesse pela disciplina. No que tange a disciplina História existem aqueles discentes que consideram os conteúdos passados distante da sua realidade não entendendo que a compreensão do presente é um reflexo do passado, o que é mais frustrante nessa situação é saber que o profissional tem responsabilidades a cumprir, mas que não consegue atingir totalmente seu objetivo, pois a maioria dos alunos não gostam da disciplina por não encontrar um elo ou sentido com os fatos da atualidade, nem mesmo conseguem identificar as contribuições de momentos históricos para sua vida.

Na rotina com seus alunos, ouvimos professores afirmarem que alguns discentes não veem nas aulas de História como algo prazeroso e sem utilidade para compreensão do seu passado ou entendimento do presente e até mesmo projeção do futuro, será se os motivos de tumulto nas salas de aula com conversas, gracejos, atitudes de desrespeito para com os professores estão associados a forma como os professores apresentam o livro didático se é apenas os conteúdos acabados contidos neles e assim não relacionado a teoria com a prática. Ficando de um lado, os procedimentos, as informações e os conceitos propostos nos manuais. E de outro lado, os procedimentos, as informações e conceitos que devem ser apropriados à situação didático-pedagógica a que se destinam.

A realização desse estudo pode contribuir para mudança no ensino do Ginásio Municipal de Sussuapara- PI, poderá ajudar professores a reverem suas práticas como educadores, já que a pesquisa propõe uma reflexão sobre os usos do Livro didático, assim ao repensar a prática mediante uma nova concepção de ensino e aprendizagem o professor pode modificar suas aulas, adotando atividades estimulantes e interativas combinadas com o livro didático, mas não restritas a ele. Esta atitude costuma gerar bons resultados. Possibilitará também um início de uma produção em torno do recorte escolhido e assim deixara uma contribuição para estudos superiores. A originalidade do estudo é por conta que é inédito e traz aceções da prática pedagógica relacionado aos usos do Livro Didático.

Com a finalidade de análise do livro didático de História do Ensino Fundamental II ressaltando e descrevendo os aspectos internos e externos deste documento e sua relação com o processo de construção do conhecimento histórico e com as experiências cotidianas dos discentes, dialogamos com os estudos de Belo (2002) com a temática *História & livro e leitura* que contribui para compreendermos o passado do livro integrando em diversos contextos sociais estendendo a toda comunicação escrita, como jornais, revistas, textos, imagens, obras, entre outros, conduzindo através de um campo em que são inúmeras as produções em torno da história do livro e da leitura e no qual se cruzam a teoria da literatura, a literatura comparada à história das ideias, da educação, sociologia.

O estudo de Ananias (2008) *O livro didático de História numa visão para o ensino fundamental* contribui para analisarmos alguns fatos importantes sobre a História da Educação, como o acesso de todos os alunos a uma escola gratuita, alguns fatos importantes se apresentam como participantes, o Livro Didático, por exemplo, a escola criada para a elite e a escola para o trabalho dos menos favorecidos, política educacional, aos materiais utilizados nas escolas, enfim, fatores que colaboram para posteriormente compreendermos o real papel do Livro Didático no processo de ensino-aprendizagem;

Fonseca (2004) com o estudo *História & ensino de História*, que faz pensar o ensino de História na sua historicidade buscando uma compreensão mais clara sobre o que significa, hoje, ensinar História nas escolas fornecendo subsídios para que professores conheçam um pouco mais sobre seu próprio campo de trabalho, dentre outras noções que nos ajudaram a analisar o recorte em questão.

O estudo de Veiga (1989) serviu também como embasamento sobre o professor e sua relação com a sala de aula, permite inferir que é nesse espaço que a relação do trabalho docente se torna mais evidente. Esse ambiente físico é pautado/dinamizado pela relação

pedagógica em que o professor tem domínio e total poder que vai desde a preparação, execução, avaliação para outras questões que extrapolam o campo da Didática.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo tem como objetivo uma abordagem teórica com autores que discutem sobre a Trajetória do Livro, necessário conhecer visto que é a ponte de nossa análise, depois situamos a trajetória do livro didático no Brasil e suas políticas de divulgação e ampliação, e assim fizemos uma reflexão sobre a trajetória do Ensino de História ao longo do tempo também no Brasil. A metodologia para construção foi pesquisa histórica bibliográfica.

No capítulo dois tem como objetivo a análise da pesquisa de campo no sentido de discutir o tema e articulá-lo com a escola selecionada abordando a questão metodológica da análise. Para construção desse capítulo além da pesquisa histórica bibliográfica pontuamos sobre a caracterização da pesquisa, apresentação dos sujeitos da pesquisa bem como a discussão metodológica. Assim, nesse capítulo trataremos também de definir o que é currículo e currículo prescrito, o processo de escolha do livro didático bem como a apresentação desse manual.

No terceiro faremos a análise do material tendo como principal fonte a análise do Livro Didático. Nesse capítulo como recurso metodológico utilizamos as observações na escola e análise em sala de aula. Tanto no que tange a postura da docente ao uso do livro didático como no que se refere a aceitação e aproveitamento da prática pedagógica aplicada.

1 ENSINO DE HISTÓRIA, UM CAMPO DE PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DOS LIVROS

A necessidade de garantir a boa educação para todos é antiga e importante exigência da população, assim, durante muito tempo, pensou-se uma prática escolar capaz de atender renovações teórico-metodológicas, vindo, sobretudo, a se intensificarem na década de 1980, no que se refere aos recursos utilizados, os livros didáticos surgiram como ferramentas pedagógicas, suportes de seleções culturais variáveis, além de meios de comunicação eficazes na importância de suas formas de difusão.

Nessa perspectiva, os livros, são fontes abundantes, diversificadas e, ao mesmo tempo, completas, visto que cada obra constitui uma unidade própria e coerente, com princípio, meio e fim. Segundo Haslam⁴ a palavra livro teria origem no vocábulo bok, cuja tradução aproximada seria tábua/tabuleiro/quadro/prancha para escrever, enfatizando seu aspecto de suporte, e afirma que é “a mais antiga forma de documentação”⁵, o que “armazena o conhecimento, as ideias e as crenças do mundo”⁶.

De acordo com a UNESCO⁷, um livro deve conter pelo menos 50 folhas. Caso contrário, é considerado um folheto. Convém destacar, de qualquer forma, que existem os livros digitais (os e-books que, em vez de folhas, têm arquivos para ler num computador ou qualquer dispositivo eletrônico específico) e os livros áudio (o registro de alguém a ler, de modo a que o livro seja acessível para as pessoas invisuais, por exemplo).

Considerando que o conceito de livro é um meio utilizado para facilitar e viabilizar o ensino e tem algumas acepções mais específicas, a sua história necessita ser revista para melhor abordagem do tema desse trabalho.

1.1 Conhecendo a trajetória da História do Livro

Para a construção deste tópico iremos utilizar o livro *História & livro e leitura* de André Belo⁸ como aporte teórico. O autor traz uma reflexão em torno da história do livro, que vem conquistando espaços cada vez maiores nas universidades europeias, norte-americanas e América latina em que o interesse por esta temática é notório, sobretudo, com o advento

⁴RIBEIRO, Ana Elisa. **O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais**. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 333-341, out./dez. 2012.

⁵Idem, p. 06.

⁶ Idem, p.06.

⁷<http://conceito.de/livro>, acessado em janeiro de 2017.

⁸BELO, André. **História & livro e leitura**. 2. Ed. 1 Reimpressão. p.116. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

tecnológico do computador e internet que trouxeram transformações, alterando substancialmente o processo de elaboração de um livro, práticas de leitura do impresso para o digital ocasionando ameaça em relação ao futuro do livro, além da ideia de diminuição de leitores, influenciada também por outros recursos tecnológicos, como a televisão. Para o autor desde o século XIX quando a leitura dos jornais se popularizou esse sentimento de ameaça apareceu pela primeira vez.

Uma perspectiva histórica permite-nos começar por compreender que a inquietação com o futuro do livro não é um fenômeno novo. O sentimento de que o livro estava ameaçado apareceu pela primeira vez na segunda metade do século XIX, no momento em que, por razões econômicas, culturais e tecnológicas, a leitura dos jornais se popularizou, chegando as novas franjas de leitores que não liam livros habitualmente⁹.

Diante disso, é possível que o surgimento das novas tecnologias e dos novos formatos eletrônicos acabou por gerar a especulação em torno do desaparecimento do livro. De fato, a revolução tecnológica trouxe novas possibilidades para a humanidade, mas nunca o seu desaparecimento em seu formato impresso, o que pode caracterizar a falta de percepção nas mudanças sociais e culturais vivenciadas.

O autor aponta que discursos dominantes do século XIX tentavam controlar leituras, vindo a propagar que muitos livros eram desnecessários, isso contrapõe com a realidade do século XX e XXI, pois afirma que em uma sociedade no século XIX, em que não tinham uma grande quantidade de indivíduos letrados, como exemplifica a dos franceses, havia um gosto pela leitura em excesso, e hoje tem uma grande quantidade de pessoas letradas e alfabetizadas, mas uma diminuição no interesse pela leitura.

Belo¹⁰ ao trazer o debate sobre o impacto e a importância da invenção da tipografia descreve em seu livro duas formas de ver o mesmo acontecimento, ele expõe as ideias de Elizabeth Eisenstein, que defende a ideia de que a imprensa foi fonte de transformação cultural, pois multiplicou o número de textos em circulação, tornando baratos e acessíveis, permitindo chegar a um número maior de pessoas. E também as ideias de Roger Chartier, para quem “a invenção da tipografia não revolucionou a forma do livro, nem o seu conteúdo, nem a maneira de ler”¹¹.

A ideia proposta por Chartier é a de que o livro já existia bem antes da invenção da tipografia, pois tinha o formato manuscrito permanecendo os seus aspectos fundamentais depois da invenção:

⁹Idem, p.20.

¹⁰Idem.

¹¹Idem, p.29.

Antes da tipografia, com efeito, o livro era escrito e copiado à mão, era normalmente menos portátil do que os livros atuais, mas já era um códice, isto é, um conjunto de cadernos costurados uns aos outros e encadernados. Na opinião de Chartier, o que permaneceu no livro depois de Gutenberg foi mais importante do que mudou: os sinais que facilitam a orientação do leitor no interior do livro (numeração de páginas, de colunas ou de linhas) e no interior de cada página (títulos de capítulos e letras iniciais ornamentadas) nasceram no tempo do livro manuscrito, o mesmo acontecendo com os índices, alfabéticos ou por assuntos. A imprensa não criou um objeto novo e não obrigou a novos gestos da parte do leitor, ao contrário do que aconteceu com o códice. Ela também não alterou, pelo menos inicialmente, o conteúdo dos textos disponíveis: os Padres da Igreja, os clássicos latinos e gregos, os textos religiosos ou laicos de autores consagrados foram os primeiros livros impressos.¹²

Belo¹³ faz uma reflexão sobre a palavra livro que se utiliza para designar um suporte de um texto, traz a acepção de sua origem como parte de uma árvore utilizada para recebê-lo, abordando os suportes utilizados ao longo dos diversos tempos e espaços como nas mais antigas civilizações do Oriente Médio, Mediterrâneo e regiões da Ásia. Na Antiguidade os textos eram escritos em rolos de papiros ou mais raramente pergaminho.

Nesses lugares, diferente do uso do papel, constatou-se o uso de tabuinhas de argila usadas na Mesopotâmia, tecidos, conchas, cerâmica, marfim e folhas de palmeiras, contribuindo para ampliar a perspectiva no estudo do livro e da leitura. Mesmo no período medieval, conforme o autor, quando o pergaminho e o papel se impuseram como materiais mais utilizados para receber textos, manteve-se durante muito tempo o hábito de escrita em tabuinhas de cera por meio de um estilete para anotar ou fazer listas.

Isso contribuiu para difusão do livro e conseqüentemente da leitura, pois as diversas técnicas utilizadas nos levam a pensar que as transformações sociais variavam de acordo com as características de cada período, as disponibilidades de materiais, e os modos de leitura, que podem ser compreendidos numa perspectiva comparativa nos espaços, nas técnicas, nos suportes e nas formas de apropriação do texto.

Belo¹⁴ apresenta definições sobre a história do livro que são razoavelmente convergentes, essa história compreende a comunicação e todos os processos sociais, culturais e literários que afetam e envolvem os textos, conjunto de disciplinas específicas, pouco possível de serem resumidas.

¹²Idem, p.25.

¹³Idem.

¹⁴Idem.

A definição que ele traz da revista *Book History* sobre a história do livro abrange toda a história da comunicação escrita apresentando uma grande variedade de fontes seja ela manuscrita ou impressa, literária ou não-literária, fontes não escrita como a pintura e até a arquitetura. Expõe à ideia de Robert Darnton (1990), o objetivo da história do livro está em compreender como as ideias foram transmitidas através da palavra impressa, como se pensava e agia, entretanto esta definição é restritiva limitada ao “texto impresso”.

O autor traz ainda outras definições como a do Donald Francis McKenzie (1992), que afirma que para estudar o passado do livro deve-se considerar todo seu conteúdo e toda a vasta gama de realidades sociais que os textos foram produzidos, transmitidos e consumidos. Para o Institut d’Histoire du Livre, um órgão francês ligado ao livro, considera a comunicação escrita como o objeto da história do livro, trata-se de uma área disciplinar que dialogam a história, a antropologia, sociologia e ciências da linguagem e da informação. As definições expostas pelo autor nos fazem conhecer o percurso em que a história do livro caminhou ao longo dos séculos demonstrando a transformação numa vasta reunião de disciplinas, não somente históricas como também da leitura e comunicação escrita necessitando de um diálogo interdisciplinar.

Belo¹⁵ parte para o seu ponto, que é o livro impresso abordando o seu triunfo progressivamente, transformando na forma de transmitir textos ao longo dos séculos XIX e XX, com o seu barateamento e multiplicação do número de livros e textos disponíveis o saber bibliográfico autonomizou-se e tornou uma disciplina na segunda metade do século XIX passando a ser ensinada como um saber específico, na Alemanha Gutenberg foi objeto de inúmeros estudos, em toda a Europa foram objeto de culto particular as edições dos clássicos da Antiguidade em grego e latim, em Portugal estudos concentravam-se na identificação de textos impressos no século XV, no Brasil o interesse pela história do livro foi na segunda metade do XX colecionadores e bibliógrafos publicaram trabalhos sobre o passado do livro brasileiro.

A atual história do livro tem origem na tradição de estudos bibliográficos distanciando-se dela para ampliar perspectivas de investigação em torno do livro. Para Belo¹⁶ obra *O aparecimento do Livro*, publicada em 1958, inspirada por Lucien Febvre e redigida por Henri-Jean Martin, tem objetivo de mostrar a influência do livro e sua ação cultural ao longo dos trezentos anos de sua existência, vista como mais do que uma engenhosa invenção de Gutenberg a importância desses tudo não está apenas na evolução formal e técnica do

¹⁵Idem.

¹⁶Idem.

livro, mas explora sua relação e as relações entre livros enquanto veículo de textos, em diálogo com o meio social, em que esteve presente nascendo uma história econômica e social do livro não dissociada de seus aspectos intelectuais e culturais.

Após o pioneirismo de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, o autor investiga trabalhos que se dedicaram a estudar quantitativamente os padrões da produção de obras, gêneros literários em circulação e posse privada do livro. Em 1974 sobre a historiografia inspirada na tradição dos Annales, “Daniel Roche e Roger Chartier sublinham o papel desempenhado pela metodologia quantitativa, servindo como recurso, exemplo, para estudar o livro enquanto indicador sociocultural”. Assim, um estudo da posse do livro podia abarcar as leituras disponíveis e seu alcance, que podia ser dado pelo empréstimo, pela venda, pelo aluguel ou mesmo pela transmissão oral, identificando as desigualdades e os espaços sociais.

Entretanto, Belo¹⁷ apresenta críticas à metodologia quantitativa apresentando os estudos de Robert Darnton sobre os livros clandestinos que propunha uma visão sobre os mecanismos de produção e distribuição na França no século XVIII mostrando a circulação clandestina das obras em uma dimensão essencial no mercado livreiro. Critica não somente os resultados da história quantitativa mais a forma como estudava o livro que era colocado em questão, o objetivo de estudar as grandes linhas da vida intelectual e distribuição social das leituras a partir da quantificação de objetos culturais como o livro considera genérico e simplificador, pois permite revisar a posse de livros, como também seu acesso entre as diversas camadas sociais, e mesmo a quantidade de impressos que circulavam em determinadas regiões e épocas. Assim, a investigação quantitativa não dá conta da distância entre o texto e a recepção do mesmo.

“A leitura é um objeto de estudo que escapa sempre um pouco do historiador que a quer agarrar”¹⁸, isso é perceptível ao evidenciarmos que não temos controle e domínio sobre ela. Diante disso, em diferentes épocas estratégias foram utilizadas para condicionar, controlar, reprimir as leituras e os leitores, as atitudes de censura dos poderes; seja civis ou eclesiásticos, monárquicos ou republicanos, revolucionários ou contra, paroquiais ou familiares; manifestam a vontade de impedir proibição de edições e circulação de certos livros ou enquadrar a leitura, porém não tem apenas caráter repressivo, as classes populares como crianças e mulheres consideradas desprovidas de autonomia para escolherem suas leituras eram acompanhadas por pais, padres ou tutores.

¹⁷Idem.

¹⁸Idem, p.54.

O autor diz que para se compreender as práticas de leituras é necessário atentar-se a outros métodos como percepção das poucas marcas deixadas nas fontes, o tipo de discurso, o formato, a organização textual, os controles e os enquadramentos. A imagem é outro ponto que pode ser observado para uma melhor identificação das leituras, assim como as leituras acompanhadas e os espaços onde as mesmas eram realizadas.

Belo¹⁹ ao regressar ao livro afirma a necessidade de estudar o livro em todo seu aspecto material e apresentação gráfica dos textos em relação com os processos sociais que dão sentido à sua produção, transmissão e recepção, associando-o com os demais recursos textuais existentes, neste caso, pensando na história da escrita e os suportes usados.

Em suma, o autor nos mostrou que a pesquisa histórica (produção, difusão e posse do livro) contrariava a tendência da história literária e das ideias para estudar os textos e os autores canônicos. Historiadores recorrendo à quantificação limitaram a olhar os títulos das obras e a cataloga-las tematicamente, entretanto a história da literatura e das ideias fazia ao contrario lia os textos e não se interessavam por seu contexto e recepção na forma de livros. Nos anos 90 do século XX, surgiu uma corrente da literatura chamada de *estética da recepção* nasceu na Alemanha, proposta por Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, propunha a ideia de que o leitor não é mais um elemento passivo contribuindo de forma criativa para fazer a história de uma obra. Depois dessa corrente, nasceram outras correntes renovadoras da História como é o caso do *Novo Historicismo*, desenvolvido nos Estados Unidos em torno dos estudos de Shakespeare e sobre literatura do renascimento inglês.

Consoante os estudos de Belo²⁰ nos últimos anos houve uma renovação pelo interesse dos aspectos formais gráficos e da obra impressa, mais ainda pela escrita, tornando-se vasto de tal modo que o autor reafirma a necessidade de aproximação entre os investigadores das diversas áreas, atentando para as fronteiras e os seus limites atuais, difíceis de definir. A reflexão sobre a história do livro e da leitura permite compreender que existe um conjunto de disciplinas (história literária, das ideias, bibliografia, paleografia, história econômica e social, semiótica, etnografia, psicologia, ciências cognitivas, entre outras) em diálogo como também as diversas metodologias e correntes hoje nos ajudam a compreender as obras em relação com os mais variados aspectos do mundo social e cultural.

A investigação em história do livro desenvolveu por aquilo que o autor chama de culto pelo livro impresso, visto que durante muito tempo foi sinônimo da história das origens da tipografia, esse culto pelo livro impresso, de acordo com Belo, vem da Europa, a experiência

¹⁹Idem.

²⁰Idem.

histórica e a evolução da comunicação na Europa Ocidental que dominaram os temas da investigação que é a invenção da imprensa e por expansão dessa cultura tornou-se também importante para o restante do globo. O eurocentrismo torna-se mais evidente quando comparada a evolução do livro numa cultura marcada pelo cristianismo.

Assim como o diálogo interdisciplinar, uma característica fundamental atualmente dos estudos do livro e da leitura, segundo o autor, é a necessidade de abolir as fronteiras nacionais, assim como modificar o âmbito geográfico e temporal estudado. Se antes era dada maior atenção a era da imprensa, iniciada por Gutenberg, e as regiões da Europa como os espaços de difusão da imprensa e da cultura ocidental, Belo desloca essa atenção para textos de influência islâmica e judaica em regiões como Oriente Médio, norte da África e também Ásia proporcionando além da ampliação dialógica, também, a percepção de como os diferentes meios de comunicação se desenvolveram nestas sociedades e sua relação direta e indireta com os agentes históricos influenciados culturalmente por estes recursos, pontuando e comparando outros suportes que existiram, mesmo durante a época da imprensa, como os manuscritos, cartas, folhetins, partituras musicais, dentre outros.

O autor ao constatar que nos séculos XV e XVIII o que se publicava e se lia estava longe de se reduzir ao livro impresso; pois mostra que a circulação de materiais escritos, outros suportes textuais, se apresentavam aos leitores sob múltiplas formas, entre elas a oralidade; as fontes tradicionais, para ele, são incompletas se comparadas a outros impressos, como, por exemplo, os folhetos, que percorriam diversos espaços de mão em mão ou afixados em paredes e espaços públicos, ganhando uma maior visibilidade, assim também como orações impressos, gazetas, cartas manuscritas e estáticas, pois não permitem compreender o dinamismo da leitura, ainda mais que livros, folhetos e outros objetos não-encadernados circulavam com facilidade. Diante disso, podemos imaginar que a posse não determina a leitura, visto que os seus leitores eram mais numerosos que mesmo os seus proprietários.

Belo²¹ afirma que a consciência tida atualmente pelos historiadores e demais pesquisadores sobre as leituras efetuadas e o acesso ao conteúdo das obras não se devem reduzir ao livro impresso permitindo repensar a questão da ausência de imprensa no Brasil na era colonial, que do ponto de vista tradicional era um atraso cultural da colonização portuguesa em relação a outras potências coloniais, estando longe de ser responsável pela não produção e circulação de livros e textos impressos, manuscritos ou orais, sendo necessário

²¹Idem.

analisar o significado histórico dessa ausência de produção tipográfica no Brasil colonial e de sua dependência cultural da metrópole.

Ao também entender a importância em pensar os impressos na contemporaneidade, com as novas dimensões em que as publicações são feitas, Belo²² observa a importância da escolarização e da urbanização na agregação de novos leitores, causando o fim da hegemonia do livro tradicional e o surgimento de novos impressos, para dar conta de atender a esta parcela da sociedade.

Em se tratando do Brasil no período contemporâneo, os estudos sobre o livro didático possibilitam pensar esta nova perspectiva de estudo do livro e da leitura, assim como outros tipos de impressos, que permitem um novo modo de leitura e apropriação do texto. O livro didático constitui até os dias de hoje como maior parte da produção editorial brasileira e desde o século XIX é tido como uma alternativa para a autonomização profissional do escritor brasileiro e também por ter um impacto social na sociedade brasileira do século XX em que este é o principal objeto no qual se organizam as leituras. Esses aspectos prolongam atualmente interrogações sobre o interesse pela alfabetização, qualidade de ensino e democratização da leitura como condições de cidadania.

O livro escolar e o texto infantil interessam, na medida em que, constituem demonstração de como novos objetos da história do livro e da leitura passam por atenção por livros e textos desvalorizados do livro antigo e clássico e pelos cânones literários e outros objetos que não são livros.

Belo²³ destaca outros recursos que possibilitam uma leitura textual exemplificando as imagens, assim traz as adaptações textuais de romances para a televisão, englobando, além da imagem, o áudio e, neste caso, os recursos televisivos. Se o texto impresso contempla um público específico, sua adaptação para o meio televisivo possibilita novos públicos. O autor entende que devemos estender o olhar a todo tipo de meio de comunicação, como CD-ROMs, DVDs, entre outros, mostrando que os mais recentes objetos do historiador do livro e da leitura são, portanto o computador e os arquivos digitais de todo tipo.

A construção desse tópico sobre o livro foi importante para a pesquisa ao servir como aporte teórico para pensarmos a relação entre o discurso e a forma, seu conjunto, os significados presentes, a relação interdisciplinar com outras áreas, as circularidades e as apropriações, as interferências textuais de máquinas e outros agentes.

²²Idem.

²³Idem.

Depois de conhecermos as inúmeras produções em torno da história do livro no qual se cruzam toda comunicação escrita (jornais, revistas, folhetos e cartazes, textos e imagens, obras impressas e manuscritas) partiremos para uma breve discussão histórica do livro didático no Brasil, importância e possibilidades desse recurso.

1.2 Conhecendo a trajetória da História do Livro Didático no Brasil

O objetivo da criação desse tópico é fazer uma breve radiografia do livro didático, pois além de ser objeto de estudo dessa investigação é uma temática que têm ocupado o cenário de investigações relativas ao saber histórico escolar. Verceze e Silvino²⁴ em seu estudo falam sobre a história do livro didático no Brasil, ao nível oficial e regulamentado, que segundo as autoras se iniciou com a Legislação criada em 1938, pelo Decreto Lei 1006.

Mas que nessa época, o livro era considerado um instrumento da educação política e ideológica, sendo o Estado caracterizado como censor no uso desse material didático vindo a ser regulamentado com o Decreto n. 9154/85, que instituiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pelo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), que criou várias comissões para a avaliação dos livros didáticos, na busca de melhor qualidade da educação e que em outras medidas estabeleceu o fluxo regular de recursos para a aquisição e distribuição dos livros didáticos em todo o país.

Miranda²⁵ apresenta no seu estudo a cronologia das ações do governo brasileiro em relação ao livro didático e constata que, o estabelecimento de uma política pública para o livro didático remonta ao Estado Novo, quando se instituiu, pela primeira vez, uma Comissão Nacional de Livros Didáticos, cujas atribuições envolviam o estabelecimento de regras para a produção, compra e utilização do livro didático. Segundo a autora, o Decreto-Lei nº 8460, de 26 de Dezembro de 1945, fez o governo consolidar uma legislação sobre as formas de produção do Livro Didático, a sua utilização e importação, deixando a cargo dos docentes a escolha dos livros que serão consumidos nas escolas.

Ananias²⁶ observa que na década de 1960, o Ministério da Educação (MEC), juntamente com uma agência norte-americana para o desenvolvimento internacional

²⁴VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO, Eliziane França Moreira. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim**. Revista Teoria e Prática da Educação, v.11, n.3, p.338-347, set./dez. 2008. (2008).

²⁵MIRANDA, Sonia Regina. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD**. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.48 São Paulo, 2004.

²⁶ANANIAS, N. T. et al. **O livro didático de História numa visão para o ensino fundamental**. 1º Simpósio Nacional de Educação. 11, 12, 13 de novembro de 2008, unioeste, Cascavel/ PR.

(USAID), estabeleceram convênios que direcionavam verbas para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros, em um período de 3 anos.

A autora diz que nos anos 70, termina-se o convênio MEC/USAID, no qual o Estado começa a criar um sistema financeiro que efetivasse verbas para os exemplares das escolas, sendo o Fundo do Livro Didático. Além desse ponto, o Instituto Nacional do Livro (INL) dá início a um programa para os Livros Didáticos do Ensino Fundamental (PLIDEF), coordenado pelo próprio país. Em 1976, extingue-se o INL, criando-se o FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar), que responde como executor do Programa do Livro Didático em escolas públicas somente, devido a poucos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Para Miranda²⁷ no período militar, a questão da compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento específico do poder público marcado pela censura e ausência de liberdades democráticas. Por outro lado, esse momento foi marcado por uma ampliação da população escolar, em um movimento de massificação do ensino, destacando a interferência de pressões e interesses econômicos sobre a história ensinada, o Estado autoritário transcendeu a organização do mercado consumidor da produção didática e envolveu relações de caráter político-ideológico, cujas repercussões sobre o conteúdo dos livros didáticos foram marcantes, sobretudo pela perspectiva de civismo presente na grande maioria das obras, bem como pelo estímulo a uma determinada forma de conduta do indivíduo na esfera coletiva.

Com isso, podemos pensar que se reservava à educação lugar privilegiado na formação da nacionalidade, no contexto de um governo autoritário que não descuidou do controle do material educativo utilizado pela população escolar. Nesse sentido, a educação pode ser vista como lugar que serviu para serem introduzidos novos valores e condutas, e o livro didático surgiu desempenhando um relevante papel na propagação dos valores impostos pelo regime.

Segundo Ananias²⁸ nos anos 80, a FENAME é substituída pela FAE (Fundo de Assistência ao Estudante), que incorpora o PLIDEF. A instituição do decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985, algumas mudanças pela política existente sobre os Livros Didáticos acontecem, como por exemplo, a utilização dos livros por mais estudantes, implantação de banco de dados de Livro Didático, controle total do Governo Federal, sem participação dos Estados, entre outros aspectos.

²⁷MIRANDA, Op. Cit.

²⁸ANANIAS, Op. Cit.

Nos anos 90, de acordo com a autora, por limitações de orçamento, os Livros Didáticos são restringidos somente até a 4ª série do Ensino Fundamental (atualmente a 5ª ano). A Reforma curricular, ocorrida em 1991, nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, exige que os novos livros correspondam às atuais exigências de uma Educação do século XXI, na qual o conhecimento, os valores, a capacidade de resolver problemas e aprender, assim, o ensino e o livro didático não pode continuar como fonte de conhecimentos a serem apenas transmitidos pelo professor, a fim de serem memorizados pelos alunos.

Em 1995, com a volta de mais investimentos para a Educação, a distribuição dos Livros Didáticos no Ensino Fundamental volta a acontecer normalmente. Já em 1996, formase uma comissão que começa a avaliar os Livros Didáticos, para orientar a escolha dos exemplares, fato este que ocorre até os dias de hoje. Destacamos nesta década também, uma comercialização dos Livros Didáticos de História e Geografia no ano de 1997 pelo Governo Federal, acoplados aos já existentes, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências.

Ananias²⁹ aponta que após o ano 2000, são desenvolvidos exemplares didáticos para alunos portadores de necessidades especiais, incluindo também a distribuição de dicionários de Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, Atlas Geográfico, entre outros materiais, contribuindo para uma educação escolarizada mais acessível na qual os conteúdos escolares, colaboram conjuntamente para as aulas.

Visto resumidamente o processo histórico que agora iremos pontuar alguns autores que falam da importância dessa ferramenta pedagógica. Para isso, destacamos Frison³⁰ que afirma que o livro didático confere importância para a aprendizagem dos alunos, mas para isso deve contar com esforços de professores e estudantes para que ele seja utilizado de forma a possibilitarem a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, com isso se faz necessário que professores e alunos utilizem o livro didático como auxiliador de ensino-aprendizagem, pois, longe de ser uma única referência de acesso ao conteúdo disciplinar da escola, tem que ser uma "fonte viva de sabedoria"³¹.

²⁹Idem.

³⁰FRISON, M. D. et al. **Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais**. VII Encontro Nacional de Pesquisas em Educação e Ciências (Enpec). Florianópolis, 08 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/425.pdf>> Acesso em: 16 de jan. 2017.

³¹Idem, p. 06.

Para Silva³² o livro didático é uma das ferramentas mais importante no ensino de história:

A disciplina de História, como uma importante área de saber por meio do livro didático, pode oferecer ao professor a possibilidade de aulas direcionadas para uma reflexão sobre os mecanismos de dominação que surgem nesse tipo de documento. Pode, também, estabelecer uma única vertente, sem a perspectiva de modificação ao longo de uma aprendizagem. Deste modo, sendo o livro didático um material portador de saberes específicos para as disciplinas e para a organização das aulas e ao mesmo tempo, instrumento de consulta para o aluno, é necessário que o professor não transfira todas as suas ações e pensamentos para esse material didático, transferido, discretamente, também uma forte carga ideológica.³³

Nessa perspectiva, o professor poderá auxiliar em discussões vinculadas não somente a análise de fatos passados, mas também à tentativa de explicar ou entender o sentido que o passado nos traz para o presente, sendo capaz de se fazer uma projeção ao futuro, sendo imprescindível a sua reflexão, por isso a reflexão a respeito dos conteúdos que o livro possui e a forma que os alunos assimilam é fundamental para saber se o que foi ministrado conseguiu internalizar, aprendido pelo aluno.

Assim Bigeli³⁴ diz que é a partir da análise da postura do professor sobre o material didático e sobre o livro didático adotado é fundamental para perceber a presença, ou não, de um posicionamento reflexivo em sala de aula.

Conforme Ananias³⁵ como uma importante área do saber, espera-se que por meio do aporte oferecido pelo livro didático de história, as aulas de História sejam direcionadas para uma reflexão sobre os mecanismos dominantes que contribuem para o desenvolvimento dos relacionamentos sociais, assim como as ações de exclusão e dominação, que surgem em nossos conteúdos didáticos e estabelecem uma única vertente, sem a perspectiva de modificações ao longo de uma aprendizagem.

Frison³⁶ afirma que o livro didático assume papéis diferentes para o estudante e para o professor. Através dele que o professor organiza, desenvolve e avalia seu trabalho pedagógico de sala de aula, para o estudante, o livro didático é um dos elementos determinantes da sua relação com a disciplina. A forma que o professor utiliza para orientar o estudante quanto ao

³²SILVA, D. R. et al. **O livro didático de História no Ensino Fundamental**. 2013. Acessado: http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_30_09_2014_17_06_43_idinscrito_710_f78f71b05af4d135856af4851cba6aa8.pdf

³³Idem, p. 05.

³⁴BIGELI, Maria Cristina Floriano. **Análise do Livro Didático de História nos Ensinos Fundamental e Médio em Assis/SP**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

³⁵ANANIAS, Op. Cit.

³⁶FRISON, Op. Cit.

uso do livro didático é importante, pois, como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras e entendimentos.

Aborda que o livro didático deve ser utilizado como uma fonte de busca de novos saberes/conhecimentos e não só para resolverem os exercícios. Para os estudantes este recurso é uma fonte que auxilia na aquisição de conhecimento e buscado significado do conhecimento a partir de contextos do mundo ou da sociedade em geral leva o estudante a compreender a relevância e utilizar o conhecimento para entender os fatos, tendências, fenômenos, processos que o cercam. Contextualizar o conhecimento no seu próprio processo de produção é criar condições para que o estudante experimente a curiosidade, o encantamento da descoberta e a satisfação de construir o conhecimento com autonomia, construir uma visão de mundo e um projeto com identidade própria.³⁷

Adiante apresento uma reflexão sobre a trajetória do Ensino de História no Brasil e como as suas múltiplas faces, complexidade e como tornou-se uma disciplina escolar, isso foi relevante para pensarmos além dos aspectos singulares desse ensino no século XX, mas também as diversas formas de apropriação do conhecimento histórico pela escola, visto que a reflexão realizada pelos autores acerca do livro leva-nos à percepção de como se deu a construção do livro didático em História, e a partir do qual, problematizado como documento, é possível traçar uma história do ensino de História no Brasil o que nos ajudou a fundamentar nossa discussão de aspectos do segundo capítulo.

1.3 História e Ensino de História

Na construção desse tópico e para embasarmos a nossa pesquisa no que tange aos questionamentos, sobre o livro didático, sobre a disciplina História e seu desenvolvimento em sala de aula utilizaremos como aporte a obra intitulada *História & Ensino de História* de Thais Nivia de Lima Fonseca, que retrata sobre a história do ensino de História no Brasil, destacando o século XX, enfatizando como a disciplina História foi proposta no século XIX, e como, no século seguinte, firmou-se seu papel no fortalecimento de ideais como patriotismo e civismo.

Fonseca³⁸ assegura que o surgimento das disciplinas escolares no Brasil a partir da atuação de grupos e instituições como: Estado e Igreja Católica. As disciplinas escolares

³⁷FRISON, Op. Cit.

³⁸FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de História.** 2ª Ed. 1 Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

foram organizadas a partir dos primeiros conjuntos de saberes e experiências de banqueiros, mercadores e artesãos, já nos períodos em que se têm notícias dessas atividades entre grupamentos humanos, pois no desenvolver de suas atividades esses sujeitos contribuíram para maior compreensão da escrita, da leitura, de cálculos, das línguas ditas vulgares, da História e Geografia. Os estudos mais efetivos sobre o ensino e as disciplinas escolares, conforme a autora, começaram na Europa por volta dos anos de 1970.

Segundo Fonseca³⁹ a História como disciplina nasceu ligada à religião e, desde a Idade Média até o século XIX, esteve confundida com a História sagrada. A história ganharia importância nos tempos modernos para a formação das elites. No século XVIII no contexto do reformismo inspirado pelo Iluminismo, a história, seria cada vez mais considerada história da humanidade e menos sagrada. Nesse processo, a História era ensinada aos nobres e foi somente no século XIX que se popularizou de forma mais evidente.

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a História ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois cabia-lhe apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. Esses eram os objetivos da historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborados sob estreito controle dos detentores do poder. Isso ocorreu na Europa e também na América, onde os países recém-emancipados necessitavam da construção de um passado comum e onde os grupos que encabeçaram os processos de independência lutavam por sua legitimação⁴⁰

Como vimos, a história somente passou a ser vista como disciplina escolar, quando libertar-se da Igreja, e quando a educação se tornou competência do Estado organizando os sistemas de ensino públicos graças a consolidação do capitalismo e fortalecimento das identidades nacionais. A autora também enfatiza que a História como disciplina escolar é fortemente marcada pelo viés nacionalista, trazendo elementos culturais que garantiam a consolidação dos laços entre parcelas significativas das populações, no processo de construção das identidades nacionais coletivas.

Conforme aponta Fonseca⁴¹ no Brasil a produção de material historiográfico destinado ao ensino de história nas escolas é escasso. Apresenta um percentual de 18% das produções acadêmicas voltadas para essa problemática em relação, o restante das produções direcionadas às outras questões, como currículo e programas para o ensino de História, praticas escolares

³⁹Idem.

⁴⁰FONSECA, Op. Cit, p. 24.

⁴¹Idem.

no ensino de História e livro didático de História. No Brasil, essa produção é menor ainda, privilegiam ao estudo das práticas de ensino tem sido pouco explorado em sua dimensão histórica, temporalidades, continuidades e rupturas.

Assim, enfatiza a necessidade de discutir a história do ensino de História no Brasil, visto que o saber histórico estar presente não apenas na sala de aula, mas também em outros meios de comunicação, como rádio e televisão, evidenciando a importância de o historiador analisar também as concepções de História que esses veículos de comunicação disponibilizam a população, e que ampliará o leque de fontes a serem analisadas, conformando uma memória coletiva que ajudará na construção de identidades.

De acordo com Fonseca⁴² o ensino de História no Brasil, no período colonial, foi marcado pela atuação da Companhia de Jesus, com o Padre Manuel da Nóbrega que aqui chegou em 1549. A educação voltava-se para a conversão dos indígenas e também para a preparação da formação intelectual elite da aristocracia colonial para seu ingresso nas universidades portuguesas de Évora e Coimbra. As diretrizes educacionais dos jesuítas eram estabelecidas no pelo *Ratium Studiorum*⁴³.

Nesse período histórico, conforme a autora o estado ficou à margem do sistema educacional, deixando para os Jesuítas a responsabilidade pela educação no país. Porém, a Companhia de Jesus e o Estado português convergências devido à crescente, e incômoda, ascensão política e financeira desta ordem religiosa acabam extinguindo esse modelo educacional no Brasil em 1759, segundo ordens do Marquês de Pombal, obrigando por decreto a expulsão dos jesuítas de todo o Império. A administração pombalina foi influenciada pelo ideário iluminista, as ideias de progresso da humanidade marcaram a educação naquele momento.

Contudo, evidencia Fonseca⁴⁴ naquele Brasil Colonial a reforma de Pombal continuava aristocrática, a educação continuava restrita as elites, as aulas eram dadas de forma aulas régias ou cadeiras isoladas, pois faltavam professores e materiais, o que não permitia grande aproveitamento. A partir das décadas de 1820 e 1830, com uma nova formulação curricular, a “história sagrada”, a “história universal” e a “história pátria” passaram a integrar o sistema educacional se adequando com o espírito das luzes do século XIX.

⁴²Idem.

⁴³ Segundo Fonseca era o conjunto de normas e orientações pedagógicas publicadas e distribuídas por toda a parte, definia procedimentos e não conteúdos, tendo em vista seus objetivos evangelizadores, de formação moral e da difusão das virtudes cristãs, tinha como eixos de estudo o ensino da Gramática, retórica, Humanidades, Filosofia e teologia.

⁴⁴Idem.

Em 1838, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), para elaborar uma História nacional. O ensino de História torna-se, nesse momento, segundo Fonseca⁴⁵, instrumento do Estado na construção de uma História brasileira voltada à exaltação da colonização portuguesa e a evangelização da Igreja Católica e a monarquia, por meio de programas e textos dos livros didáticos. É nesse quadro, que se inscreve a constituição da História como disciplina curricular.

Desta forma a autora aponta que o pensamento liberal característico deste período histórico definiu o papel da educação no que se refere à formação moral de crianças e jovens pelos princípios cristãos do cidadão íntegro, industrioso ou produtivo e, sobretudo, obediente às Leis, conciliando os interesses do Estado e da Igreja na via da educação escolar. O currículo considerado modelo/padrão do Colégio Pedro II encontrou sua expressão máxima no “Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II”, publicado em 1861, para a constituição da disciplina História do Brasil.

Para Fonseca⁴⁶ o advento da República, não alterou a essência do ensino de História, houve uma preocupação com os métodos empregados, os numerosos textos de orientações publicados nos livros didáticos e destinados para o ensino primário e secundário apostavam na eficácia de um ensino de História para a formação de um cidadão adaptado à ordem social e política vigente, foi com esse objetivo que se introduziu a partir da segunda década dos novecentos a disciplina escolar Instrução Moral e Cívica que articulada ao ensino de História reforçava os sentimentos patrióticos da população. Mas foi na primeira metade do século XX que esta disciplina se afirmou através de várias reformas curriculares, sendo que a Reforma Gustavo Capanema (1942) confirmou a autonomia da disciplina História enquanto formadora da moral e do patriotismo.

Com o regime militar de 1964, como aponta a autora, o ensino de história no Brasil não teve grandes mudanças permanecendo o peso da herança tradicional, impondo um sistema educacional diretivo não-crítico visto como uma sucessão linear de fatos considerados significativos, enfatizando fatos políticos e biografias de personagens célebres. Desta forma, uma composição social livre de conflitos determinaria a ordem e o progresso almejados pelas estruturas do poder dominante. O regime preocupou-se com o ensino de educação cívica redefinindo papéis fazendo surgir nova disciplina Estudos Sociais, originada da fusão entre a História e Geografia preocupando-se que o aluno localizasse e interpretasse fatos sociais não

⁴⁵Idem.

⁴⁶Idem.

de maneira analítica e reflexiva, mas com conceitos genéricos de geografia, política, filosofia, etc.

No final da década de 1970, como aborda Fonseca⁴⁷, com a maior flexibilidade do regime militar, as possibilidades de repensar o que se denominava de realidade brasileira cresceram juntamente com reivindicações de um ensino diferente do que era realizado até então. Assim, os anos 1980 apontou o momento de elaboração de propostas curriculares espelhando-se no programa implantado em Minas Gerais, considerado como síntese de expectativas democráticas e participativas no âmbito da educação.

Problematizou a forma como as mudanças provocadas pelo modelo mineiro, materializadas em livros didáticos e apropriadas por vários professores, inverteu uma perspectiva então institucionalizada pelo superado regime político por outra de orientação mais crítica, dinâmica, participativa, partindo do ponto de que os homens fazem a história e são produtores do seu próprio conhecimento histórico. A nova abordagem histórica abandonaria então as práticas do sistema denominado, historicamente, positivista para privilegiar as lutas de classe e as transformações infraestruturais através de um ensino de História fundamentado no marxismo.

Compreender o processo de construção do livro didático em História, problematizado como documento, é essencial para essa pesquisa, é possível traçar uma história do ensino de História no Brasil. Para Fonseca⁴⁸, o uso do ensino de História para a construção de uma identidade nacional foi altamente explorado na Era Vargas. Elaborando e utilizando imagens de heróis nacionais como Tiradentes, o governo Vargas queria consolidar um discurso que arregimentasse os brasileiros ao seu ideal de nação e, mesmo, às suas atuações internacionais como a ida de soldados brasileiros para campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, essa educação encontraria nos livros didáticos importante instrumento junto as festas cívicas constituindo eficaz arsenal pedagógico.

A autora diz que com os republicanos, após 1889, não alteraram as diretrizes da produção historiográfica ou dos manuais didáticos. Os manuais didáticos, até meados do XX manteriam construções, parte importante das concepções educacionais, de formação moral e cívica dos jovens brasileiros. Assim, vários livros didáticos, durante o Estado Novo, reforçariam o tom sacralizado e épico da conspiração mineira enfatizando Tiradentes como herói, com múltiplos talentos entre eles também político e revolucionário. Após o Estado

⁴⁷Idem.

⁴⁸Idem.

Novo, não houve alterações substanciais para formulação dos manuais e para o ensino de História, como exemplo Tiradentes continuou apresentado como modelo de conduta ideal.

Diante disso, essas construções tradicionais, mantidas até meados do século XX, na produção historiográfica brasileira faziam com que os livros didáticos acompanhassem essa tendência de uma história política e militar, épica e exaltadora dos grandes feitos dos grandes vultos da nação. Logo depois, Fonseca⁴⁹ traz uma análise com o tema escravidão no Brasil para averiguar as formas de apropriação do conhecimento histórico e suas permanências na memória coletiva, através de representações tidas como verdadeiras. Elencando ainda algumas características que marcaram o movimento de continuidades e, também, de rupturas percebidas nos espaços entre a produção historiográfica, a elaboração de programas curriculares, a produção de livros didáticos e as práticas de ensino inseridas no cotidiano das escolas.

Essas mudanças curriculares ocorridas no Brasil, criaram de acordo com a autora, uma necessidade de materiais condizentes com os novos programas, em que as editoras do país e muitas coleções destinadas ao Ensino Fundamental II foram lançadas; como coleções Construindo História e os caminhos do Homem ambas de Adhemar Marques, Flávio Berutti e Ricardo Faria; em outros casos, como Gilberto Cotrim História & Consciência, autores de linhas tradicionais tentaram acompanhar novas tendências reestruturando suas obras trazendo uma linguagem materialista sem abandonar inspirações historiográficas tradicionais e metodologias baseadas em resumos, questionários e sinopses.

Entretanto, se num primeiro momento a história a ser ensinada nas escolas se apoiava no materialismo histórico, Fonseca⁵⁰ afirma que um novo movimento força as mudanças dos paradigmas da disciplina História de uma tendência nova, oriunda principalmente da França, traduzida na perspectiva da Nova História, tratando de temas como: o cotidiano, mentalidade, imaginário e cultura entre outros, tornando-se sinônimo de inovação no ensino, por isso a partir de meados dos anos 1990 os programas curriculares e os livros didáticos incorporaram essas tendências da historiografia contemporânea.

Tornando-se, o que a autora preferiu chamar de boom editorial na área combinando com a política educacional que criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do sistema de compra de livros, pelos governos federais e estaduais, para distribuição nas redes de ensino público, a associação dessas duas dimensões veio mediada pelos Parâmetros

⁴⁹Idem.

⁵⁰Idem.

Curriculares Nacionais (PCNs), diretrizes orientadoras que devem nortear os currículos do ensino no fundamental e médio.

Percebe que é reduzida a produção historiográfica referente aos afrodescendentes na história do Brasil até os dias atuais, limitando-se este, a descrições do estranhamento e da percepção do exótico no interior de uma sociedade hegemônica branca. Nota-se, conforme Fonseca⁵¹, que nas publicações voltadas para os textos didáticos não existe uma abordagem consistente e mais detalhada do povo Africano no Brasil, quanto às imagens os livros publicados até meados do XX eram precários no que tange à iconografia sobre negros e escravidão. Não houve alteração dessa abordagem historiográfica na década de 1960.

A partir de 1980, para a autora, a escravidão passa a ser analisada na ótica da economia mercantilista, os manuais didáticos traziam a representação do negro como mercadoria e mão de obra inclusive nas imagens que ilustravam os livros. Alguns livros didáticos mais recentes, publicados depois de 1997, discutem sobre a escravidão em vários momentos da história inspiradas nas sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas dedicam poucas abordagens historiográficas mais críticas. Esse percurso na trajetória do ensino de História por meio dos livros didáticos na ótica de Fonseca⁵² permite ver que a produção intelectual presente nos livros didáticos a respeito dos afrodescendentes cristalizou, em larga medida, o imaginário coletivo sobre sua história, percebidos, assim, como pessoas que aceitavam, sem o menor traço de resistência, as imposições de arbitrariedades pelo uso da força do poder dominante.

Para a autora ocorreu uma crescente melhora nos livros didáticos, pois observa que é no manejo e aproveitamento destes que está a principal problemática do ensino de História, pois na maioria das escolas brasileiras o livro didático é o único instrumento de ensino de que dispõem professores e alunos. Por isso, a compreensão dessa obra é relevante ao fustigar a compreensão de como professores se inserem nos processos educacionais, deste a produção do conhecimento acadêmico à sua utilização em salas de aula, olhando seu próprio caminho, reconhecendo obstáculos nos manuais didáticos, mas que com seu manejo possam superá-los.

⁵¹Idem.

⁵²Idem.

2 USO DO LIVRO DIDÁTICO: DA DISCUSSÃO METODOLÓGICA AO CURRÍCULO PRESCRITO, ESCOLHA E APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Antes de apresentarmos o registro e análise das aulas assistidas e assim os usos do LD, relevante seria pontuar sobre a caracterização da pesquisa, apresentação dos sujeitos da pesquisa bem como a discussão metodológica. Assim, nesse capítulo trataremos também de definir o que é currículo e currículo prescrito, o processo de escolha do livro didático bem como a apresentação desse manual para assim no capítulo 3 analisarmos.

2.1 Cenário da Pesquisa

O Ginásio Municipal de Sussuapara, sediada na Rua Antônio Pereira Leal, Número – Bairro Centro, zona urbana do Município de Sussuapara PI, CEP: 64610-000; faz parte da rede Municipal de Ensino jurisdicionada a Secretaria Municipal de Educação de Sussuapara-PI.

O município de Sussuapara fica localizado na Região Centro Sul do Estado do Piauí, entre as cidades de Picos e Bocaina, ficando a 320 km de Teresina, com uma área geográfica de 208,7 Km². Limita-se ao norte com São José do Piauí e Bocaina; ao Sul Picos e Geminiano; ao Leste Santo Antônio de Lisboa e Bocaina e ao Oeste Picos.

Esta Unidade de Ensino atualmente presta atendimento a uma grande maioria das famílias residentes nesta cidade. A maior parte dos pais e responsáveis pelo alunado possui baixo poder aquisitivo e tem como fonte de renda o trabalho rural, mas também existem trabalhadores de outras áreas. A referida escola oferece à população as modalidades de Ensino Fundamental II, e EJA (Educação de Jovens e Adultos) que funcionam com muito sucesso e participação da família e da comunidade na escola integrados para a inovação das práticas pedagógicas e educação como um todo.

A escola é bem estruturada com nove salas de aula, diretoria, secretaria, sala de atendimento pedagógico e sala para os professores, oito banheiros, um depósito para merenda em frente e outro para material de limpeza, um pátio, uma biblioteca, um laboratório de informática, um de ciências e uma quadra de esporte escolar ao lado ideal para o desenvolvimento de práticas esportivas e demais eventos comemorativos que a escola necessite usufruir.

As salas de aulas os espaços são suficientes para acomodar todos os alunos, possui três (03) ventiladores (dois de parede e um de teto), as salas tem piso de cerâmica branca comum,

teto de telhas em ótimo estado, as instalações elétricas e hidráulicas são embutidas e estão em bom estado de conservação, as portas e janelas de madeira.

A escola dispõe de Livros Didáticos, Paradidáticos, Quadros de acrílico e alguns kits pedagógicos. Conta também com um acervo bibliotecário, que está chegando aos poucos e agora a escola possui espaço físico para funcionamento adequado da Biblioteca, há uma bibliotecária que atende os alunos com acesso ao acervos e estes podem levar os livros para casa para isso existe um controle de ficha e termo de responsabilidade assinado pelos discentes, capaz de atender a clientela. A escola participa do PNDL.

O Ginásio Municipal de Sussuapara participa do PNDL, aderiu formalmente, observando os prazos, normas, obrigações e procedimentos estabelecidos pelo Ministério da Educação. O termo de adesão foi encaminhado uma única vez, mas que é sempre atualizada até o final do mês de maio do ano anterior àquele em que foi atendida.

Como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) disponibiliza o guia de livros didáticos em seu portal na internet e envia o mesmo material impresso a referida escola que é cadastrada no censo escolar. Esse guia orientará a escolha dos livros a serem adotados pelas escolas.

No Ginásio Municipal de Sussuapara os livros didáticos passam por um processo democrático de escolha, de acordo com a docente, professores analisam as obras que serão utilizadas pelos alunos em sua escola com base no guia de livros didáticos.

No tópico abaixo destinaremos a ver como é prescrito o currículo de História disposto no PCN, para falar sobre a distribuição, escolha e apresentação do livro didático no Ginásio Municipal de Sussuapara.

2.2 Caracterização da Pesquisa

O universo dessa pesquisa foi o Ginásio Municipal de Sussuapara localizado em Sussuapara-PI, enquanto que a amostra foi feita com a docente da Unidade Escolar da área Ciências humanas, formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí, Lato Sensu em História do Brasil efetiva que compõe o quadro do Ensino Fundamental II e que leciona nas turmas de 7^a, 8^a e 9^a Séries. Os sujeitos da pesquisa são a professora e os alunos dessas referidas séries.

Esse estudo pretendeu expor uma discussão sobre o uso do livro e suas especificidades, mais especificamente, a forma que o livro é utilizado para o processo de aprendizagem do aluno e ferramenta de trabalho do professor.

Para escolha da docente da referida unidade deu-se prioridade ao tempo de atuação da mesma, são 20 anos de ensino no mesmo colégio, e por ela ser a única efetiva da disciplina de História no Ginásio, em relação às turmas foi por conta que ela leciona nessas três séries. Inicialmente foram analisadas questões relativas à escola e sua estrutura. Tirou-se uma semana para isso, depois observarmos o andamento das aulas, como práticas e técnicas utilizadas pelos professores, tomando como base relatos a utilização do livro didático, o que depois foi explorado e averiguado sobre que tipo de história esses estudantes tem recebido.

Este estudo foi baseado na investigação que foi realizada durante o período de aulas no período de 24 de abril a 19 de maio de 2017, na qual recorreu a uma pesquisa do tipo qualitativa e exploratória, que envolveu a observação e o contato direto com a professora e os alunos, visto que a observação é uma metodologia propícia para descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas, a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações. Essa pesquisa de natureza exploratória, apoiada na pesquisa quantitativa, visa:

[...] a mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, mediante a análise da frequência de incidências e de correlações estatísticas. O pesquisador descreve, explica e prediz.⁵³

A pesquisa qualitativa enfatiza a análise da realidade através de coleta, observação sistemática, dados aparentes, descrição. Assim sendo, a compreensão dos fenômenos, eventos e situações vividas em sala de aula que apresentam características de ações em desenvolvimento. Ao longo do contato com os sujeitos percebemos como é importante que o professor estimule o raciocínio crítico dos alunos e o seu próprio, já que ele também tem conhecimento a assimilar vindo dos mesmos.

Essa pesquisa foi realizada por um roteiro de observação, que foi criado com base nas questões centrais da problemática como também a partir das inquietações que iam surgindo com a observação na sala de aula, as perguntas estão em anexo.

O roteiro pretendeu analisar as interações que são construídas entre o professor, os estudantes e os conteúdos trabalhados no manual didático, assim foram observadas questões relativas ao livro didático de História adotado na escola em 2017, o que determinou a escolha, como a docente procura trabalhar todo o conteúdo presente no livro didático ou se seleciona aqueles conteúdos que considera mais importante, dentre outras.

⁵³CHIZZOTTI, A *Pesquisa em ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 52.

2.3 Currículo Prescrito

As concepções acerca do currículo foram ganhando significados ao longo das décadas, alguns estudiosos dispostos ao longo deste tópico serão fundamentais para que possamos embasar e nos ajudar a compreender melhor o currículo prescrito disposto no PCN de História.

Silva⁵⁴ (2011) aponta quatro teorias de currículo que tiveram e tem lugar na escola: tradicionais, tecnicistas, críticas e pós-críticas. Para o autor, cada uma dessas teorias coloca o centro do currículo em um elemento. Se por um lado na teoria tradicional o foco era o professor, na tecnicista o material ocupava o papel de destaque, enquanto que nas teorias críticas o currículo é relacionado à estrutura social dominante e nas teorias pós-críticas, discussões sobre o respeito às diferentes culturas ganha espaço. Assim problematiza a sua definição:

Aquilo que o currículo é depende precisamente da forma como ele é definido pelos diferentes autores e teorias. Uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é⁵⁵.

Diante disso, as concepções curriculares estão repletas de diferentes visões. Originário da palavra latina *Scurrere*, que significa correr e refere-se a curso, Silva⁵⁶ se apropria dos estudos de Goodson⁵⁷ (1995) em que este afirma que o currículo é um caminho a ser seguido ou apresentado.

Sousa e Kawamura⁵⁸ entretanto, indicam que currículo é mais que a ordem e a distribuição dos conteúdos: O termo currículo remete-nos ao curso ou percurso que será realizado no campo do conhecimento, ou seja, o que se ensina dentro do contexto escolar. Pensar no currículo é pensar na disposição do conteúdo ao longo da vida escolar do aluno. O conceito de currículo pode ter diversas interpretações. Sob a ótica das perspectivas tradicionais é visto como uma técnica, bastando escolher as melhores formas de organizá-lo e

⁵⁴SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁵⁵Idem, p.14.

⁵⁶SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁵⁷GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. 8. ed. Petrópolis : Vozes, 1995. 140 p. Obra consultada nos estudos de SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁵⁸SOUSA, Paula F. F. Kawamura, Maria R. D. **Livros didáticos como indicadores da possível diversidade cultural no currículo**. In: XII Encontro de Pesquisa em Ensino e Física, 2010, p.03.

o que seria transmitido por ele seria apenas “teorias neutras, científicas e desinteressadas”. Já para as teorias críticas e pós-críticas, entretanto, o currículo é algo mais complexo, envolve relações de poder e identidade, contrariando a ideia de uma teoria neutra preconizada pela visão tradicional.

Sacristán⁵⁹ divide o desenvolvimento do currículo em seis níveis, descritos por ele como: Currículo prescrito: trata-se do documento oficial nas diversas esferas administrativas de um país, como, por exemplo, Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Estaduais ou Municipais. Currículo apresentado: trata-se de materiais de implementação do currículo prescrito. De modo geral, esses materiais contêm orientações metodológicas. Currículo moldado: trata-se do plano de ensino do professor. Em grupo ou sozinho é o momento em que elabora o que pretende trabalhar no decorrer do ano, semestre, bimestre, mês ou semana.

O Currículo em ação: refere-se ao que ocorre dentro da sala de aula, as ações que se realizam em sala, a prática do professor, a concretização do seu planejamento. Currículo realizado: é o resultado do trabalho realizado em sala de aula, é a aprendizagem construída, adquirida pelo aluno com todo o suporte do mediador o professor. Currículo avaliado: evidencia a relação currículo/avaliação, resultando no diagnóstico da aprendizagem, buscando atender as expectativas das avaliações tanto externas com a dos pais.

A intenção desse estudo é levantar uma discussão sobre as aproximações e distanciamentos do currículo que de fato ocorrem em sala de aula frente ao currículo prescrito. Agora partiremos inicialmente ao currículo prescrito no campo da História.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁶⁰ traz um edital especificando todos os critérios para inscrição das obras em que seus conteúdos devem estar em consonância com a proposta dos PCN. Os títulos inscritos pelas editoras são avaliados pelo MEC, que elabora o Guia do Livro Didático, composto das resenhas de cada obra aprovada, que é disponibilizado às escolas participantes pelo Fundo Nacional Desenvolvimento da Educação. Para o PCN⁶¹ de História o conteúdo de História, critérios de seleção e organização dos Ciclos 3 e 4, que é a faixa de estudo da nossa pesquisa, a preocupação central da proposta é propiciar os alunos o dimensionamento de si mesmos e de outros indivíduos e grupos em temporalidades históricas. Assim, os conteúdos devem sensibilizar e fundamentar a compreensão de que os

⁵⁹SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: Armed, 2000. P.14.

⁶⁰Tem por objetivo prover para as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários, é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas.

⁶¹Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História: Ensino de quinta a oitava séries**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

problemas atuais e cotidianos não podem ser explicados unicamente a partir de acontecimentos restritos ao presente. Requer um questionamento ao passado, análise e identificação de relações entre vivências sociais no tempo.

Isto implica que os conteúdos a serem trabalhados com os alunos não se restringem unicamente ao estudo de acontecimentos e conceituações históricas. É preciso ensinar procedimentos e incentivar atitudes nos estudantes que sejam coerentes com os objetivos da História. Entre os procedimentos é importante que aprendam a coletar informações em bibliografias e fontes documentais diversas; selecionar eventos e sujeitos históricos e estabelecer relações entre eles no tempo; observar e perceber transformações, permanências, semelhanças e diferenças; identificar ritmos e durações temporais; reconhecer autoria nas obras e distinguir diferentes versões históricas; diferenciar conceitos históricos e suas relações com contextos; e elaborar trabalhos individuais e coletivos (textos, murais, desenhos, quadros cronológicos e maquetes) que organizem estudos, pesquisas e reflexões.⁶²

É importante que adquiram, progressivamente, atitudes de iniciativa para realizar estudos, pesquisas e trabalhos; desenvolvam o interesse pelo estudo da História; valorizem a diversidade cultural, formando critérios éticos fundados no respeito ao outro; demonstrem suas reflexões sobre temas históricos e questões do presente; valorizem a preservação do patrimônio sociocultural; acreditem no debate e na discussão como forma de crescimento intelectual, amadurecimento psicológico e prática de estudo; demonstrem interesse na pesquisa em diferentes fontes impressas, orais, iconográficas, eletrônicas etc; tenham uma postura colaborativa no seu grupo-classe e na relação com o professor; demonstrem a compreensão que constroem para as relações sociais e para os valores e interesses dos grupos nelas envolvidos; expressem e testem explicações para os acontecimentos históricos; construam hipóteses para as relações entre os acontecimentos e os sujeitos históricos; troque e criem ideias e informações coletivamente.⁶³

Analisando o PCN de história, os livros do PNLD devem estar diretamente articulados ao currículo prescrito que e no PCN os conteúdos expressam três grandes intenções: contribuir para a formação intelectual e cultural dos estudantes; favorecer o conhecimento de diversas sociedades historicamente constituídas, por meio de estudos que considerem múltiplas temporalidades; propiciar a compreensão de que as histórias individuais e coletivas se integram e fazem parte da História.

⁶²Idem.

⁶³Idem.

O conteúdo para o terceiro ciclo tem como eixo temático a História das relações sociais, da cultura e do trabalho que se desdobra nos dois subtemas As relações sociais e a natureza e as relações de trabalho, essa separação é meramente analítica⁶⁴.

Em “*As relações sociais, a natureza e a terra*” se estuda as relações entre a sociedade, a cultura e a natureza, em diferentes momentos da História brasileira; relações entre a sociedade, a cultura e a natureza na História dos povos americanos na Antiguidade e entre seus descendentes hoje; relações entre a sociedade, a cultura e a natureza, na história de povos do mundo em diferentes tempos; diferenças, semelhanças, transformações e permanências nas relações entre a sociedade, a cultura e a natureza, construídas no presente e no passado.

Nas relações de trabalho estão presentes diferentes momentos da História brasileira como: relações de trabalho em diferentes momentos da História dos povos americanos; relações de trabalho em diferentes momentos na História de povos do mundo; diferenças, semelhanças, transformações e permanências nas relações de trabalho, no presente e no passado.⁶⁵

Para o quarto ciclo o PCN⁶⁶ o propõe o eixo temático História das representações e das relações de poder, que se desdobra nos dois subtemas: Nações, povos, lutas, guerras e revoluções; e Cidadania e cultura no mundo contemporâneo.

O primeiro subtema sugere: processo de constituição do território, da nação e do Estado brasileiro, confrontos, lutas, guerras e revoluções; processos de constituição dos Estados Nacionais na América, confrontos, lutas, guerras e revoluções; processos de constituição dos Estados Nacionais, confrontos, lutas, guerras e revoluções na Europa, na África e no Oriente; diferenças, semelhanças, transformações e permanências entre formas de organização dos Estados Nacionais, confrontos, lutas, guerras e revoluções, procurando sintetizar os estudos realizados.

No subtema Cidadania e cultura no mundo contemporâneo tem-se: problemáticas pertinentes à questão da cidadania na História; processo de formação, expansão e dominação do capitalismo no mundo; problemáticas pertinentes à cultura contemporânea; diferenças, semelhanças, transformações e permanências no conceito de cidadania, procurando sintetizar os estudos realizados⁶⁷.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

2.4 Escolha e apresentação do livro didático

A escolha do livro didático no Ginásio Municipal de Sussuapara seguindo a nível nacional ocorre de três em três anos, no ano de 2016, em julho foi feita a opção para vigorar nos anos 2017, 2018 e 2019. E se dar da seguinte forma. No ano em que acontece a escolha, os representantes das editoras fazem a visitação nas escolas, distribuem os manuais didáticos, muitos defendem com diversos argumentos do porque o seu é a melhor escolha. Não é feita atividade, formação, curso ou oficina no processo de escolha.

Os professores, individualmente já verificam e analisam as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados, a docente observada afirma que “após uma atenta leitura verifiquei que os textos eram de fácil compreensão para meus alunos” fator determinante para a sua escolha visto que muitos manuais trazem uma leitura fatigante e de difícil compreensão.

Assim, acontece em dois dias, o primeiro dia são debatidos entre docentes e equipe pedagógica as preferências pessoais em que cada professor argumenta seu ponto de vista sobre a coleção até chegarem a um consenso sobre a melhor adoção, a professora relatou que esse problema raramente acontece, pois geralmente ela e os outros professores de História escolhem a mesma coleção, pois muitas vezes as opções que vão para a escola são poucas e as que estão são carregado de textos complexos e, muitas vezes incompreensíveis. Talvez esse consenso se dar por conta de um comodismo por parte de alguns professores, em que por não serem efetivos da rede transferem a responsabilidade de escolha para o efetivo.

Para a docente pesquisada os critérios básicos para escolha do livro didático são “coerência com o PPP” e de fato tem que ter a compatibilidade com os objetivos de aprendizagem para cada série e disciplina previstos no PPP; “encadeamento ao longo de um ciclo”os conteúdos devem apresentar uma sequência para que haja a progressão da aprendizagem e para que não se repita ou exclua algum tema; “conteúdos ajustados ao nível dos alunos” esse é um ponto que foi percebemos como fator primordial na escolha pois os docentes da escola se preocupam com a linguagem, o vocabulário e a construção das frases acessíveis e compatíveis com a série em questão e as atividades claras ajudam o aluno a entender o conteúdo. É importante de fato o conhecimento do PPP da escola que leciona, pois infelizmente o que se tem visto é que muitos docentes por mais que trabalhem há quinze, vinte anos não conhecem essa proposta ficando alheio a muitas questões principalmente ao que tange aos critérios de escolha do Livro Didático em conformidade ao PPP.

Segundo Lajolo (1996)⁶⁸

[...] escolha e uso de livro didático precisa resultar do exercício consciente da liberdade do professor no planejamento cuidadoso das atividades escolares, o que reforçará a posição de sujeito do professor em todas as práticas que constituem sua tarefa docente, em cujo dia-a-dia ele reescreve o livro didático, reafirmando-se, neste gesto, sujeito de sua prática pedagógica e um quase co-autor do livro.

Para a docente "é promovida uma discussão aprofundada para que a seleção seja feita de forma democrática e apoiada nas concepções definidas no projeto político-pedagógico (PPP) e no Plano de Educação da rede" assim, a discussão coletiva que ocorre no Ginásio Municipal de Sussuapara entre os pares e a troca de experiências para a tomada de decisão é um fator primordial de enriquecimento do professor, auxiliando na orientação, organização e sistematização da apresentação dos conteúdos escolares pelo professor ao aluno.

A docente afirma que antes de escolher um livro didático é importante verificar se o livro foi aprovado pela avaliação pedagógica, o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é primordial.

De acordo com o PNLD (2010, p. 11), "a avaliação do livro didático é feita desde 1996, com a finalidade de assegurar à escola pública de educação básica obras com qualidade editorial, científica e pedagógica". Todavia, mesmo com a avaliação realizada pelo PNLD, é preciso que o professor esteja atento no momento da escolha do livro didático a fim de escolher um material que esteja mais adequado à realidade do professor, do aluno e da escola. É importante verificar, também, a qualidade do livro referente ao conteúdo, a imagens, à proposta teórico-metodológica, à linguagem, a atividades, entre outras variáveis.

No segundo dia, fazem por escrito uma espécie de justificação de optarem por aquela coleção. É enviado para a Secretaria, que é analisado, e também aguardado para verem se foi a mesma escolha da Unidade Escolar Helvídio Nunes, uma escola Estadual que existe no município e que andam sempre juntas nas suas atividades. A professora diz que sempre as escolhas coincidem porque professores que tem mais tempo de atuação, formam grupos com os novatos, definem um item do currículo e analisam como ele é trabalhado pelas diferentes coleções, verificando a proposta temática, os conteúdos e as habilidades e competências que o material ajuda a desenvolver. Após o debate, se houver uma opinião divergente analisam novamente e a vencedora condiz com a proposta pedagógica.

⁶⁸LAJOLO, M. **Livro Didático: um (quase) manual do usuário**. Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, p.3-9, 1996.

O livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. Neste sentido, escolheram o livro didático como um instrumento de fundamental importância de apoio ao trabalho do professor e ao desenvolvimento da educação, ao usar o livro inadequado pode comprometer o ensino aprendido, ao invés do livro auxiliar o professor no ensino, se tornará um vilão educativo para que isso não ocorra, adota-se um tipo de livro que melhor se adéqua a sua realidade e a do aluno, para que haja um conceito dinâmico do livro.

Para a docente pesquisada eleger um livro didático que tenha uma linguagem simples de fácil entendimento e que aborde questões históricas, o passado, considerando a importância de evitar o anacronismo, problematizando as questões propostas, buscando informações, levantamento e tratamento adequado das fontes, fazer com que discentes percebam os sujeitos históricos envolvidos (indivíduos e grupos), a explicação para fenômenos estudados, a elaboração da exposição não é uma tarefa fácil, analisar o livro e identificar os prós e contra para aplicação de métodos em sala de aula é o desafio que ela encontra e também de muitos docentes.

Para atender esses critérios, quando da decisão, analisaram vários livros didáticos, foi diferente da escolha dos anos passados. Entre eles, escolheram o livro História Sociedade & Cidadania do autor Alfredo Boulos Júnior, 3.ed. São Paulo, faz parte de uma coleção publicada pela editora FTD, 2015 por ele ser mais completo, por ser pautado em referenciais teóricos da História Nova, daí entender a História como um conhecimento em permanente construção, por isso tomam o documento como ponto de partida e não de chegada na construção do conhecimento, e além disso, incorporam a ação e a fala das mulheres, dos negros, indígenas, operários e outros sujeitos históricos antes relegados ao esquecimento.

Segundo a docente pesquisada “essa coleção possibilita ao professor a aplicação de práticas pedagógicas capazes de articular o conhecimento popular com o científico”. Em análise dos conteúdos dos livros evidencia-se que não trabalha os temas de forma isolada mais segue uma sequência, também trazem práticas interdisciplinares, mediante o desafio de melhorar a capacidade de autoaprendizagem estabelecida no livro, dando foco nos aspectos de seleção das temáticas, de valorização do conhecimento prévio do alunado, de contextualização de conteúdo, exigência de capacidade crítica-reflexiva, exercícios propostos, linguagem adotada, estratégia metodológica de ensino e sugestões para o professor e/ou aluno no Espaço educacional de ensino e aprendizagem.

A estruturação e como está abordado o tema no livro didático escolhido: está dividido em quatro unidades, exceto do oitavo ano que são três, e cada uma subdividiu-se em dois, três

capítulos, cada um apresentando conteúdos com objetividade e clareza, além é claro de tratar os assuntos abordados de forma simples e coerente.

Conforme anexo são apresentados os conteúdos dispostos no manual didático e percebemos que eles condizem com o currículo prescrito no PCN de História, percebemos também que a sequência com que os temas são apresentados em toda a coleção seguem a progressão de aprendizagem planejada no currículo.

O livro está organizado em seções, a coleção é composta de quatro volumes, no próximo capítulo conheceremos três, que apresentam conteúdos relativos à História do Brasil e História Geral de forma integrada, ou seja reside na superação da divisão entre História Geral, das Américas, do Brasil fornecendo possibilidades ao aluno de entender a simultaneidade dos acontecimentos históricos em diferentes espaços, ficando perceptível entre outros aspectos que em um mesmo tempo histórico foram vivenciadas situações diferentes em diversas sociedades. Os livros foram organizados em unidades temáticas que abrigam um conjunto de capítulos.

Estão assim estruturados: *Páginas de abertura da Unidade Temática*, em que cada unidade é introduzida por páginas duplas de abertura, as páginas recorrem a imagens e textos, a partir dos quais os alunos são estimulados a falar sobre o que sabem ou imaginam saber e a extrair informações das fontes apresentadas. Com esse diálogo inicial entre docentes e discentes, é possível motivar os alunos para estudo do tema ou assunto. Os registros imagéticos utilizados nessas páginas são os mais variados: reproduções de pinturas, fotos antigas ou atuais, caricaturas, desenhos, reproduções de cenas de filmes, de histórias em quadrinhos etc. Interrogando essas fontes estimulam os alunos a capacidade de observar, identificar, associar, comparar, relacionar, entre outras.

A *Página de Abertura de Capítulo* também se inicia com uma página de abertura que propõe a introdução de uma exposição dialogada, discussão dos temas que serão trabalhados nas páginas seguintes. Tem funções semelhantes às da Página de Abertura de Unidade, sendo o seu foco voltado para o assunto trabalhado no capítulo.

O corpo do capítulo entrelaça texto e imagem intensificando a exploração pedagógica do registro visual, cerne da proposta de ensino-aprendizagem. As imagens ao longo do capítulo serve para reforçar o texto, dialogar com ele e para formar os conceitos. No corpo do capítulo, é adotado uma linguagem e um tamanho de letra adequado a realidade de cada série. Interessante pontuar que são diferentes corpos de letra e entrelinhamentos variados, o que nos permite inferir que a faixa etária dos alunos do 6º ano com menos de 10 anos de idade e uma maturidade destes são diferentes da de um aluno do 9º ano, no texto principal do 6º ano o

corpo do texto é 14 e entrelinhamento 18; no 7ºano o corpo é 13 e entrelinhamento 17; no 8ºano o corpo é 12,5 e entrelinhamento 16,5 e no 9ºano o corpo é 12 e o entrelinhamento é 16.

Alfredo Boulos Júnior fundamenta o texto didático com uma última pesquisa acadêmica publicada sobre cada assunto abordado na obra, entre exemplos desse reforço de atualização estão a incorporação de autores como Cláudia Viscardi, Jorge Ferreira, Ângela de Castro Gomes.

Os *Boxes* são intercalados ao texto principal em que Alfredo Boulos Júnior inseriu três seções, o *Dialogando* que são desafios propostos ao longo do texto para discutir imagens, gráficos, tabelas e textos. É uma espécie de convite a participação oral dos alunos que são desafiados a responder uma questão objetiva, a dar opiniões, a interpretar uma imagem, um gráfico, uma tabela etc.

O boxe *Para Saber Mais* é um quadro que apresenta informações extras sobre os conteúdos dos capítulos trabalhados, quando se objetiva alargar ou detalhar um assunto derivado do tema principal que possa interessar ao aluno. *Para refletir* traz textos estimulantes sobre os conteúdos estudados e propõe a discussão sobre esses temas, este boxe estimula a reflexão por meio de questionamentos diretos já que sempre vem acompanhado de questões.

As *Atividades* distribuídas na coleção visam não apenas a retomar e organizar o estudo do tema abordado, como também auxiliar o aluno a desenvolver as competências de leitora e escritora, que são complementares e interdependentes. Aprender História depende de muita leitura e escrita, estes implicam compreensão, análise e interpretação de uma diversidade de gêneros de textos e de imagens como pintura, fotografia, charge, filmes, gráficos, tabela e mapas.

As atividades que contém no livro são divididas em quatro seções a primeira chamada *Retomando* são questões variadas sobre os conteúdos dos capítulos para serem realizadas individualmente ou em grupo, sendo assim uma forma de ver aquilo que foi estudado.

A segunda *Leitura e Escrita em História*, é subdividida em *Leitura de Imagens* uma seção que permite o estudo de imagens relacionadas aos temas dos capítulos; em *Leitura e Escrita de Textos* que trabalha a leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais, estimula aperceber quem está falando, de que lugar fala capacitando o aluno a identificar, relacionar e contextualizar, foi dividido em *Vozes do passado* (da voz aos sujeitos históricos que viveram as experiências sociais de outros tempos e espaços) e *Vozes do Presente* (em que geralmente um especialista fala sobre assuntos relacionados ao tema eleito), em que para completar o

estudo dos temas, são propostas atividades de pesquisa ou escrita de um texto; em *Cruzando Fontes* seção que permite a aproximação do trabalho de um historiador, por meio da análise e da comparação de diferentes fontes.

A terceira *Integrando com...* Nesta seção, é interessante ao propor o encontro da História com outras áreas do conhecimento, que permite ampliar ou complementar o que foi visto no capítulo. As atividades desta seção estimulam o aluno a mobilizar conhecimentos e conceitos de outras disciplinas como Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, Artes, entre outras. No quarto *Você Cidadão* é uma seção que estimula o aluno a traçar paralelos entre passado e presente, interrogar o presente e, sobretudo se posicionar diante de uma questão social o que possibilita prepara-lo para o exercício da cidadania.

Ao se construir um livro didático requer um trabalho minucioso e dedicado de muitas pessoas, a coleção História Sociedade & Cidadania contou com várias pessoas. A tarefa do autor foi pesquisar e escrever o texto e as atividades sugere as imagens. Coube ao editor e seus assistentes leem e avaliam os originais, se necessário solicitam ao autor que melhore ou corrija o que é preciso. Os profissionais da Iconografia pesquisaram, selecionaram, trataram e negociaram as imagens que foram aplicadas no livro. Os profissionais da arte criaram o planejamento visual da obra, prepararam e trataram as imagens e diagramaram o livro. Os profissionais da preparação e revisão do livro corrigiram palavras e frases, ajustando e padronizando o texto. A equipe do jurídico solicitou a autorização legal para o uso de textos de outros autores e das imagens.

Como vimos, o manual didático de Alfredo Boulos Júnior oferece uma gama de possibilidades de trabalho, no capítulo seguinte iremos pontuar através das observações em sala de aula como foi utilizado o livro didático nas turmas do 7º, 8º e 9º do Ginásio Municipal de Sussuapara.

3 USO DO LIVRO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Antes de tratarmos diretamente nas observações acerca do uso do livro didático em História, é relevante fazermos uma reflexão sobre a prática do professor e sua relação com a sala de aula, visto que as práticas pedagógicas são discutidas amplamente em nossos dias, como um meio para facilitar e direcionar o ensino que no sentido de procurar desenvolver estratégias eficazes tornem o processo educativo significativo, proporcionando assim um ensino de qualidade. Para isso consultamos Veiga⁶⁹ que traça essa discussão.

Depois entraremos na nossa pesquisa de campo e faremos uma análise de alguns aspectos da realidade do livro didático de História a partir da observação que ocorreu durante o mês de maio, e uma vistória dos capítulos trabalhados nesse período em sala de aula, tentando demonstrar, de forma crítica, como a professora trabalhou os conteúdos históricos propostos e como explorou o uso da linguagem escrita e iconográfica, de maneira que a observarmos se estes facilitam ou não a assimilação das ideias explicitadas no decorrer dos textos e se os mesmos privilegiam ou não algum tipo de perspectiva teórico-metodológica.

3.1 SALA DE AULA: UM CONFRONTO ENTRE O PROPOSTO E O VIVIDO

Considerando que a prática pedagógica é um meio utilizado para facilitar e viabilizar o ensino é necessário nesse estudo discutir as possibilidades teóricas.

Segundo Veiga⁷⁰:

Na sala de aula, o professor faz o que sabe, o que sente e se posiciona quanto à concepção de sociedade, de homem, de educação, de escola, de aluno e de seu próprio papel. É, ainda, na sala de aula que o professor cria e recria a sua própria Didática: toma decisões quanto à concepção ou preparação, à execução, à avaliação e revisão de seu processo de ensino. Ele vai mais além, pois o domínio da Didática se estende a outras questões que extrapolam o seu campo mas que, de certa forma, afetam-na diretamente.

Essa visao de Veiga sobre o professor e sua relação com a sala de aula, permite inferir que é nesse espaço que a relacao do trabalho docente se torna mais evidente. Esse ambiente

⁶⁹VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

⁷⁰Idem, p.117.

físico é pautado/dinamizado pela relação pedagógica em que o professor tem domínio e total poder que vai desde a preparação, execução, avaliação para outras questões que extrapolam o campo da Didática.

A partir de uma observação em sala de aula dos professores de Didática buscou evidenciar a própria didática proposta, vivida e passada aos alunos dessa disciplina. Para isso, adotou elementos que integram o processo de ensino como categorias de análise: objetivos, conteúdos, metodologia didática, avaliação, relação pedagógica e o manejo de classe, as rotinas diárias.

Aparenta os itens compostos nos planos de cursos elaborados pelos docentes: objetivos, conteúdos, metodologia didática, avaliação, bibliografia e número de aulas previstas e assim faz uma análise sistemática de uma delas.

Quanto aos objetivos propostos nos planos, de acordo com Veiga⁷¹ dão sintética que fornecem indicações para organizar o processo de ensino-aprendizagem. Na sua observação os resultados revelaram que a dimensão privilegiada é técnica, mas existe uma preocupação mesmo que em menor escala com as dimensões políticas. São objetivos centrados no como fazer e pouco contribuem para o trabalho docente pecando no formalismo desenvolvendo nos alunos habilidades técnicas independente da realidade escolar que irão atuar.

Em planos de três Universidades pesquisadas pela autora em que evidenciou uma preocupação de professores com o relacionamento entre fenômeno educativo e fenômeno social, demonstrando uma preocupação dos professores de Didática com o professor, um profissional trabalhando dentro de uma organização escolar que reflete as contradições oriundas do contexto social.

Um outro aspecto, enunciado por Veiga⁷² nos objetivos, refere-se a valorização e importância da Didática para formação do professor. Em apenas dois planos, de cinco, foram enfatizados pelos professores a importância da Didática. No plano de ensino, apenas um registrou o assunto sob o enfoque tecnológico, a Didática tecnicista tendo preocupação básica a eficiência e eficácia no ensino. O processo de formação didática que são submetidos professores a partir de objetivos tecnicistas funcionam como obstáculo da dimensão política do ato de ensinar.

A partir da observação das aulas a autora teceu considerações sobre o Conteúdo de Didática, que são fundamentais para o estudo ao tratar do trabalho pedagógico e à escolarização dos alunos quando discute sobre as alternativas teórico-metodológicas

⁷¹Idem.

⁷²Idem.

importantes para tornar o processo ensino-aprendizagem da História, mais significativos, dinâmico e reflexivo. Assim, nível de plano de ensino Veiga⁷³ delimitou-o em quatro núcleos básicos. O primeiro e mais amplo diz respeito aos aspectos sócio-políticos da educação, as relações entre escola e sociedade de classes e teorias pedagógicas, os demais temas referem-se a Didática e sua fundamentação, a formação do educador, Pedagogia e seu objeto de estudo explicito em apenas um plano de ensino.

O segundo núcleo se refere ao Planejamento de Ensino e seus componentes, momento da exploração dos objetivos, conteúdo, metodologia e avaliação. O terceiro é constituído pelas formas de atuação do professor e a relação pedagógica. Veiga ainda cita o quarto núcleo que se volta para o estudo de sistemas e modelos de ensino.

Veiga⁷⁴ afirma que de modo geral o tema conteúdo é especificado nos planos de ensino em termos de sua conceituação, importância da seleção, organização e integração do conhecimento da natureza e dos mesmos. Em nível de sala de aula, os conteúdos especificados nos planos de ensino de Didática e desenvolvidos pelos professores são: escola e sociedade de classe, a realidade da escola e o planejamento de ensino e seus componentes.

Acrescenta ainda que não há diferenças entre os conteúdos desenvolvidos nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, são as mesmas unidades, sequencia, diferenciando a carga horaria com relação ao curso de Pedagogia. A nível de sala de aula, analisa como as professoras Normi e Mariana desenvolveram o tema conteúdo se preocupando com as estruturas básicas deles que a escola procura garantir aos seus alunos de acordo com áreas específicas.

Nos cinco planos de ensino pesquisados pela autora a bibliografia predominou autores nacionais como Saviani, Luckesi, Libâneo entre outros, alguns autores estrangeiros, publicações do Ministério da Educação, Universidades e Associações. O que chamou atenção da autora foi ausência total de indicações de monografias, dissertações, teses revelando que este de produção intelectual não é trabalhado nos cursos de formação de professores como meio de subsidiar a análise educacional brasileira e de reconstruir o dia-a-dia das escolas.

Veiga⁷⁵ ao falar sobre Metodologia Didática: “acredita-se que metodologia didática representa um meio pelo qual o professor procura criar formas mais adequadas à aprendizagem dos seus alunos. Por isso, o tema integra o programa da Disciplina de Didática nos cursos de Pedagogia e Licenciatura”. Para o professor efetivar sua intervenção no

⁷³Idem.

⁷⁴Idem.

⁷⁵Idem, p.127.

desenvolvimento do ensino ele utiliza-se de metodologias que são constituídas de métodos e técnicas.

Na metodologia, para a autora, os aspectos mais enfatizados referiam-se à concepção do método didático, caracterização dos mesmos, nas tendências pedagógicas, procedimentos de ensino, os mais explorados foram: aula expositiva, técnicas individualizadas e socializadas. Em um dos planos estava o detalhamento dos seguintes métodos de ensino: Unidade Didática, solução de problemas e projetos, estratégias de aprendizagem para domínio e método Paulo Freire.

Nos demais planos pesquisados por Veiga⁷⁶ um foi omissivo nesse quesito método, outro abordou fundamentos da Tecnologia e os outros dois desdobraram o tema a temática em princípios para seleção de procedimentos de ensino: ação centralizada no professor e no aluno. Em sala de aula a exposição oral era mais empregada para recapitular ou introduzir novo assunto sendo na maioria das vezes dialogada com alunos e levantadas indagações enriquecido no quadro ou retroprojektor.

Os alunos eram convidados a exporem suas ideias, dúvidas experiências. Os docentes utilizaram atividade individual, trabalhos em pequenos grupos culminando com discussões na sala de aula. Diante da variedade de recursos metodológicos empregados, Veiga⁷⁷ afirma que todos não foram apresentados como neutros, isolados e aplicáveis em qualquer situação e a todos indiscriminadamente.

Conforme Veiga⁷⁸ apresenta a avaliação é um elemento fundamental do processo de ensino e devido sua importância vem se constituindo em conteúdo obrigatório nos planos de ensino. Ela é vista como momento relevante de acompanhamento e controle dos resultados no ensino, que não bastam provas individuais e em equipe que são solicitados interpretação e crítica, mas saber aproveitar todas as atividades.

Para a autora aos professores de Didática é reservado o direito de conceber, executar e avaliar o seu processo de ensino, nos planos de ensino esse tema está restrito aos aspectos cognitivos focalizando três dimensões: cognitiva, afetiva e psicomotora. Entretanto na prática há uma desarticulação entre o plano e o que é realizado e vivido na sala de aula podendo ser explicado pela organização burocrática das Instituições de Ensino Superior, sobrecarga de trabalho e grande número de alunos na sala de aula.

⁷⁶Idem.

⁷⁷Idem.

⁷⁸Idem.

Como o professor executa e avalia o seu processo de ensino ele tem liberdade de exercer o controle sobre o processo e o produto de seu trabalho. A nível de plano de ensino o professor de Didática trabalha a avaliação para preparar o futuro professor para tarefa de avaliar seus alunos. Sendo especificado a partir de subtemas em que os mais comuns estão processo, técnicas e instrumentos de avaliação.

Veiga⁷⁹diz que: a relação pedagógica, vínculo estabelecido entre professor, aluno e saber, é fundamental para o processo ensino-aprendizagem. Isso assume diferentes significados de acordo com as tendências pedagógicas e que a autora busca compreender no dia-a-dia da sala de aula. A nível de plano de ensino percebe que essa relação levou em consideração a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, a educação, o educador, o educando e outros elementos do processo ensino-aprendizagem nas diferentes tendências pedagógicas.

Revela que de forma geral os docentes mantem um diálogo com os alunos, preocupam-se com a participação do aluno procurando garantir o seu envolvimento e comprometimento com o ensino-aprendizagem. Chama essa relação pedagógica de horizontal calcada no diálogo em que os professores buscam novas maneiras de se relacionarem interessando por eles e seus problemas. Os professores não exercem a função de meros transmissores dos conteúdos, propõe trabalho cooperativo em grupos para as discussões e reflexões, quando necessário chama a atenção para resguardar o bom clima no ambiente.

A autoridade desempenhada pelo docente é evidenciada, de acordo com Veiga⁸⁰pelo domínio do conteúdo, segurança nas técnicas e recursos de ensino e na própria relação que mantem com o aluno. Afirma ainda que a relação vertical que são levados a desenvolverem em aula são devidos a fatores externos que repercutem na forma de organização institucional e condições objetivas de trabalho.

Durante o período de observação de Veiga⁸¹registrou ainda as atividades rotineiras que ocorreram em sala de aula, destaca a prática habitual de início e término das aulas. Os docentes chegavam à Universidade no horário previsto de trabalho, quando não estavam ministrando as aulas permaneciam na sala de professores ou destinada à equipe pedagógica conversavam com colegas ou executavam suas atividades de preparação das aulas, correção de provas, trabalhos.

⁷⁹Idem.

⁸⁰Idem.

⁸¹Idem.

Os alunos, conforme a autora sempre chegavam atrasados entrando quase que de um em um, são retardatários que enfrentam problemas de superlotação dos meios de transporte e sobrecarga de atividades escolares ou de trabalho. Os professores sempre buscavam desses motivos e se preocupavam em acompanhar o registro de frequência. O conteúdo era ministrado da forma mais variada, parte do tempo era destinada a comentários de trabalhos já realizados, provas e orientação de novos trabalhos. O registro do conteúdo no diário era feito após a chamada.

Nessa percepção, a prática pedagógica do professor de História é um ato social, uma vez que os objetivos que permeiam esse conjunto de ações estão estreitamente relacionados com uma formação transformadora, preparando os educandos para posicionarem-se de forma crítica e reflexiva frente às situações política-econômico-social. Agora embasados, entraremos para nossa análise da coleta dos dados.

3.2 A aula de História do 7º ano em análise: observações do uso do livro didático

Este tópico de observação acerca do uso do livro didático pelo foi pensado a partir de dados colhidos em um roteiro de observação do trabalho docente, objetivando obter informações que pudessem esclarecer a respeito do manual didático relacionado ao processo de desenvolvimento, preparação e execução das aulas ministradas pela docente de história da escola visitada. É importante lembrar que a sala de aula se configura como o ambiente prático por excelência de transformação da atividade docente, em ambiente de aprimoramento, observação, e relevante para se pensar a didática do Ensino.

As observações ocorreram em cinco aulas que foram do dia 04 de maio ao dia 19 de maio de 2017, o mês de Maio foi um bem corrido visto o feriado que teve caindo no dia das aulas da Professora e o calendário consta que as avaliações ocorrem a cada três semanas, percebeu-se que a professora de história precisava de mais aulas, para que pudesse melhor preparar seu trabalho com os alunos, que nem sempre são participativos. A carga horária semanal das aulas de História são 2 aulas, sendo que são composta de 60 minutos cada.

Ao observamos o trabalho da professora temos contato direto com as práticas pedagógicas e de ensino do docente, permitindo-nos refletir com uma propriedade mais apurada sobre como o ensino de História vem sendo ministrado. A docente responsável pela disciplina de História nas turmas sétimo, oitavo e nono ano trabalha apenas no Ginásio Municipal de Sussuapara. Ao todo a profissional ministra duas disciplinas: História e

Religião. A carga horária mensal em sala de aula e de planejamento é de 20 horas/aula. Na sala do sétimo ano da escola observada há 27 estudantes.

Nas suas aulas do mês de Maio, para explicar o capítulo 5 “China e Japão” a docente pede que cada aluno leia um parágrafo do livro didático e assim alterna com sua explicação, trazendo uma exposição dialogada. Ela nos relatou que prefere essa metodologia visto que se fosse apenas falar abordando a temática, os alunos não iriam prestar atenção, nem se interessar e proporcionado a leitura a cada um iriam se atentar melhor a dinâmica das aulas. Assim, houve leitura do livro didático com a turma enquanto a professora passava o conteúdo que estava no livro e explicava tradicionalmente, os alunos apenas prestavam atenção no que a professora explicava. A professora fez uso frequente do livro, tanto no momento de apresentar a matéria, ou quando solicitava que os alunos resolvessem os exercícios propostos no livro.

O livro tem uma linguagem mais simplificada e de fácil entendimento tanto para os professores como para alunos. Na observação das imagens, são bastante claras apresentando verdadeira clareza diante dos fatos expostos e os alunos passam a compreendê-la. Os mapas apresentados no livro propõem uma fácil percepção visual com características do conteúdo, facilitando o aprendizado, o contexto dos mapas está bem estruturado com legendas com informações coerentes.

Na *Página de Abertura de Capítulo* pede para o aluno ler e a partir da pergunta sugerida associada as imagens contidas nessa página explica que os hábitos alimentares e práticas esportivas como Kung fu e o judô, artes marciais com quais os alunos têm algum tipo de familiaridade, seja por meio de filmes ou videogames são hábitos que pertencem à cultura chinesa e japonesa mas que foram incorporados e apreciados no Brasil, os alunos comentam sobre seus gostos de comidas, jogos, desenhos animados e assim a docente induz o aluno ao interesse pelo estudo da história e cultura da China e Japão.

Os discentes liam os parágrafos e a professora explicava sobre as dinastias Tang, Song, Mongóis na China, bem como sua sociedade. Neste momento, ao observarmos a prática pedagógica em sala de aula notamos que muitos alunos sentiam estranheza ao estudarem temas um tanto distantes de sua realidade social assim começavam as conversas paralelas.

Ao tratar sobre o budismo, houve uma melhor atenção principalmente quando do *Boxe: Dialogando* que propôs ao aluno uma pergunta sobre o texto que discutia para chegar ao nirvana, Buda aconselhava oito regras assim, o desafio referia-se a oito regras e qual os alunos consideravam mais importante para suas vidas, a professora aproveitou algumas dessas regras para trabalhar com os discentes valores como honestidade, esforço, concentração,

justiça e falar somente o necessário. Interessante salientar, eu no capítulo existiam várias partes desse boxe, entretanto o único utilizado pela docente foi este.

Depois de algumas aulas concluiu o estudo sobre a China e partiu para o Japão, antes perguntou as dúvidas e fez uma espécie de exposição oral sobre o conteúdo estudado da China. Continuando o capítulo e ao tratar sobre o Japão foi seguido as mesmas regras, leitura e explicação.

Utilizou o boxe *Para Saber Mais* que tratara sobre *Os samurais*, em que apenas fez leitura e explicação, como ela mesmo se manifestou aos alunos “só a título de informação extra” para conhecerem quem foram e os trajes que utilizavam. No *Para refletir* trabalhou o texto *De grão, arroz faz a história do Japão*, pediu que os alunos transcrevessem em seus cadernos os questionamentos depois corrigiu oralmente.

Nas aulas seguintes, a docente tratou novamente dos principais aspectos da China e Japão e passou a atividade do livro com enunciado de *Retomando* que apresentaram questões de montar ficha, corrigir alternativa errada, fazer tabela sobre budismo, conceituar termos, análise de mapas e produção de textos. Apesar de toda essa variedade, percebemos que as atividades propostas no manual didático visam à recuperação de informações e não a construção de informações.

O que foi observado é que muitas das questões os alunos não conseguiram realizar, em todo momento das aulas observadas às dúvidas que os alunos apresentaram eram as relacionadas aos exercícios, pois durante a explicação do professor eles dificilmente faziam perguntas, ou mesmo quando o professor perguntava se havia alguma dúvida a turma quase sempre falava que não e assim se queixavam e pediam para a docente fazer exercício no quadro, pois os dos livros “não tinham respostas”. A professora revelou que passa no sétimo ano, exercícios elaborados por ela no quadro, pois, eles conseguem encontrar mais facilmente as respostas, mas que sempre passa a atividade do livro retomando e que responde junto com eles devido a dificuldades que eles sentem. Embora o período de observação tenha sido curto para concluir, a metodologia da docente segue um ritmo tradicional talvez por sua formação ou por conta da estrutura da escola, utiliza o de quadro de giz, explicações, resolução de exercícios. Mas isso não quer dizer que é ruim, apesar de ser limitado.

A professora não passou as outras seções das atividades, pois afirma que o tempo foi curto, como único recurso didático desenvolvido em sala de aula, a docente pesquisada manifestou preocupação em não dar conta de apresentar todas as atividades relatando que “foi uma pena visto que traziam enriquecimento para aprendizagem dos alunos”. Ela relata ainda que é muito difícil passar essas outras atividades nessa série, pois os alunos não conseguem

responder. Supõe-se que essa inquietação está presente devido ao pensamento dela sobre o livro didático como um apoio fundamental que economiza tempo de planejamento e organiza a rotina em sala.

Analisando as atividades no livro percebemos que são de muita leitura e compreensão que os alunos deviam estar aptos a terem essas habilidades. Como já foi esmiuçado no capítulo anterior, o Livro Didático propõe habilidades que a docente não desenvolve; talvez por conta do tempo que foi limitado ou até mesmo por conta dos próprios alunos que não se interessa; e que também entra em conflito com o seu critério de escolha, o conhecimento prévio dos alunos não foi verificado durante as aulas observadas. A professora orientava o conteúdo e fazia perguntas que, aparentemente, ele sabia que os alunos saberiam responder, não abrindo espaço para outras ideias.

É interessante salientarmos mais uma vez que a observação limitou-se a poucas aulas, ficando limitado o tempo para uma maior conclusão. Nas aulas do sétimo ano, o único recurso didático utilizado nessas aulas pela docente foi o manual didático. A sequência da apresentação do conteúdo era a mesma que continha presente no livro didático, as fontes históricas não são usadas o que torna vaga dada a importância delas para ajudar nas pesquisas, indagações, explicações do por que deste presente.

3.3 A aula de História do 8º ano em análise: observações do uso do livro

O conteúdo do mês de Maio para os alunos do oitavo ano era o capítulo 5 “O Iluminismo”, assim como no sétimo ano, a dinâmica das aulas da professora segue a mesma.

Aqui nota-se um conflito e distanciamento entre o critério de seleção da escolha do livro didático e a prática pedagógica da docente, pois, ao mesmo tempo em que elege um livro didático que tenha uma linguagem simples de fácil entendimento e que aborde questões histórica, o passado, considerando a importância de evitar o anacronismo, problematizando as questões propostas, buscando informações, levantamento e tratamento adequado das fontes, a docente pesquisada tem dificuldades de dialogar e praticar o que é proposto negando assim o Livro Didático.

O único recurso didático que a professora oferece a seus alunos é o livro, não dinamiza suas aulas, isso acaba gerando aulas enfadonhas, muitas vezes não são despertados interesses no alunado.

Na *Página de Abertura de Capítulo* pede para o aluno ler e a partir da pergunta sugerida associada à imagem, a docente explica o que foi o Iluminismo e no que acreditavam

pontuando que para eles a gestão da sociedade deveria ser submetida a razão, ao associar com a imagem da página diz explica o porquê do baralho comemorativo da Revolução Francesa, em vez do rei de paus, estar à figura do filósofo Jean Jacques Rousseau, aproveita para dizer que ele foi um dos maiores opositores das monarquistas absolutistas que com suas ideias conseguiu derrubar, fala da sua obra *O contrato social* e de suas ideias que influenciaram movimentos revolucionários na Europa e em outros continentes.

Os discentes liam os parágrafos e a professora explicava-lhes sobre os principais pensadores iluministas e suas afirmações, pensamentos. Ela sempre repetia a suas ideais e reforçava o que cada um argumentava, pontuando a diferença entre eles. Quando foi abordar Voltaire e sua conhecida frase “posso não concordar com nenhuma palavra do que você disse, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo” fez a pergunta do *Boxe: Dialogando* “você tem respeitado o direito de seu colega, irmão ou irmã discordar de você?” com isso a docente abriu espaço para cada um se manifestar houve discussões e ao final ela disse sobre ela estimulou-os ao respeito à opiniões divergentes.

Utilizou o boxe *Para Saber Mais* que tratara sobre *Os rosseaus da sarjeta*, fez leitura e explicação. Mais uma vez, ao longo do capítulo estavam dispostas várias partes de outros boxes, entretanto o único utilizado pela docente foi este.

A professora, sempre que iniciava as aulas fazia uma espécie de revisão do conteúdo, instigando seus alunos a lembrarem dos pensadores iluministas e suas ideias. Partiu para as atividades do livro, e assim como no sétimo ano passou apenas a primeira chamada *Retomando* pediu que os alunos escrevessem no caderno e respondessem, ocorria também uma variedade de questões, contudo observamos que as questões tem caráter conteudista e assim como as atividades do sétimo ano voltam-se meramente à recuperação de informações. Em poucos momentos os estudantes são incitados a questionar informações dadas ou a se posicionar diante de determinadas informações o que resultaria em certo protagonismo estudantil. Nesse sentido, o manual didático e a prática da professora, nessas aulas observadas, seguem concepções tradicionais de ensino de História.

3.4 A aula de História do 9º ano em análise: observações do uso do livro

Na turma do nono ano o conteúdo curricular para o mês de Maio era o capítulo 5 “Primeira República: resistência”, diferentemente das demais turmas, a dinâmica das aulas de da docente se alterou. Inicialmente, fez uma reflexão sobre o conteúdo do mês passado que abordava a Primeira República, questionando o que os alunos achavam se a população reagiu

pacificamente ao controle político das oligarquias, depois de breves comentários por parte dos alunos, disse que houveram movimentos e revoltas motivados pela insatisfação da população em relação ao controle das oligarquias e aos diversos problemas sociais, como miséria, pobreza e concentração de renda.

Na *Página de Abertura de Capítulo* um aluno fez a leitura e explica a charge que aparece um homem de bigode ao centro sugerindo ser o Dr. Oswaldo Cruz, médico sanitário, que na época era o Diretor-Geral de Saúde Pública, em que na cena ele e seu exército de mata mosquitos são mostrados em confronto com a população revoltada com a lei que tornava a vacina contra a varíola obrigatória, afirma que assim como sugere a charge em 1904 o povo do Rio de Janeiro saiu às ruas armados de pedras, paus e outros objetos para mostrar sua insatisfação com as autoridades; das janelas, os populares vaiavam ou lançavam objetos nos funcionários da Saúde Pública, evidenciando a revolta popular contra a lei que determinou a obrigatoriedade da vacina.

A professora propôs aos alunos que ocorresse um debate sobre os movimentos de resistência da Primeira República, assim dividiu a turma em seis grupos e cada ficaria responsável por pesquisas, não somente no livro, mas poderiam ter outras fontes de acesso, e assim as equipes iriam expor as resistências que aconteceram nesse momento histórico, eram elas: A Guerra de Canudos, A Guerra do Contestado, O Cangaço, A Revolta da Vacina, A Revolta da Chibata, O movimento Operário.

Depois que os alunos realizaram os debates, nas aulas seguintes a professora utilizou as atividades do livro, a primeira chamada *Retomando* pediu que os alunos escrevessem no caderno e respondessem, algumas das questões dessa seção tem também um caráter conteudista, entretanto outras aguçam no alunado o senso crítico e construção de informações, visando os estudantes se posicionarem diante de determinadas informações.

Na segunda Leitura e Escrita em História passou a atividade abordada no livro em *Leitura e Escrita de Textos* como nome “Santa Dica” em que foi trabalhado, em Vozes do Presente (o texto foi escrito pelos historiadores Hudson de Oliveira e Silva e Renato Dias Prado, especialmente para essa coleção do livro) os especialistas falaram sobre a sertaneja Bendita Cipriano Campos, mais conhecida como a Santa Dica que conquistou popularidade e respeito acolhendo romeiros, pedindo proteção por eles aos anjos celestes e realizando curas com ervas do Cerrado, e para completar o estudo dos temas, propôs atividades de interpretação e associação com o Antônio Conselheiro, de Canudos, trazendo para o conhecimento dos alunos uma história que não é contada em muitos dos manuais didáticos.

A terceira *Integrando com...Língua Portuguesa* nesta seção, interessante é a proposta do encontro da História com Português, que permitiu ampliar o conhecimento como texto “Beato José Lourenço”, entretanto percebeu-se muitas dificuldades do alunado ao responder a atividade proposta que questionou ser aula de História ou interpretação de textos, mas que com ajuda da professora realizaram e estimularam o aluno a mobilizar conhecimentos e conceitos da Língua Portuguesa.

No quarto *Você Cidadão* estudaram o texto “Estado Brasileiro, povos indígenas e o Marechal Rondon” em que a professora pediu que pesquisassem em casa para os alunos fazerem um paralelo entre passado e presente dos povos indígenas, na aula houve um debate, reflexão em que cada um teve opinar sobre como o estado brasileiro tem protegido os indígenas o que possibilita prepara-lo para o exercício da cidadania.

As atividades do livro didático propostas pela docente para os alunos do nono ano foram satisfatórias, pois proporcionaram estímulo aos processos cognitivos básicos que contribuíram para a observação, memorização, comparação, compreensão, interpretação, análise, investigação, generalização, criatividade, criticidade do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo trabalho permite que façamos algumas conclusões acerca do uso do livro didático de História no Ginásio Municipal de Sussuapara pela docente que precisam ser repensados, como por exemplo, a sua utilização em sala de aula com influências na formação para a cidadania, além do trabalho de professores e alunos com uma única forma de material didático, isso talvez pelo pouco tempo destinado as aulas de História que são insuficientes para realizar a pesquisa, o contato e criação de novos saberes ao crescimento de cada um dos indivíduos.

Nas observações em sala de aula, percebemos que se trata de um livro rico para ser desenvolvido em sala de aula, visto que traz em seu conteúdo a intenção de promover a compreensão e a organização dos conhecimentos com recursos pedagógicos atraentes, é visual trazendo várias imagens tabelas gráficos os alunos são induzidos a interpretá-los, além desse recurso o livro ainda conta com textos informativos, títulos em caixa alta e em negrito para maior ênfase, além de perguntas de interpretação de textos, que auxilia a professora na execução de suas tarefas e no ensino aprendizagem do aluno. Percebemos que apresenta uma linguagem simples.

No entanto, o livro analisado, embora tragam vários recursos convidativos, a docente nega o Livro didático, pois, são detectados traços de concepções tradicionais no ensino de História em favor de um ensino conteudista ao retratar os fatos passados. Devido a falta de tempo as atividades propostas visam à recuperação de informações e não a construção de informações.

Entendemos que o livro didático é um manual que traz consigo saberes específicos para as disciplinas, e assim para disciplina de História, e para a organização das aulas e ao mesmo tempo, ferramenta de consulta para o aluno, porém é importante frisar, que a docente tratou nessas aulas como o único recurso base para as aulas.

REFERÊNCIAS

ANANIAS, N. T. et al. **O livro didático de História numa visão para o ensino fundamental**. 1º Simpósio Nacional de Educação. 11, 12, 13 de novembro de 2008, Uniãoeste, Cascavel/ PR.

BELO, André. **História & livro e leitura**. 2. Ed. 1. Reimpressão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013. 116 p. (Coleção História &... Reflexões, 3).

BIGELI, Maria Cristina Floriano. **Análise do Livro Didático de História nos Ensinos Fundamental e Médio em Assis/SP**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

CHIZZOTTI, A **Pesquisa em ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 52.

COSTA, Mariza Domingos da. **Catequese e educação dos indígenas na colônia**- alguns apontamentos. Universidade Estadual do Maringá. Junho/2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral, memória, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOX, S. **Teoria inclinada Versus Tradicional Teoria Cognitiva Aprendizagem: Por que Gestão da Educação não deve ignorar a gestão da Aprendizagem**. Vol.10, N.6, pp. 727-747. (1997).

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. – 2ª. Ed. 1ª. Reimpressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. [GOOGLE/pl.wikipedia.org/wiki/santo_antonio_de_lisboa\(Piauí\)](http://pl.wikipedia.org/wiki/santo_antonio_de_lisboa(Piauí)).

FRISON, M. D. et al. **Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais**. VII Encontro Nacional de Pesquisas em Educação e Ciências (Enpec). Florianópolis, 08 de novembro de 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viipec/pdf/425.pdf>. Acesso em: 16 de jan. 2017.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **As trilhas opcionais nos caminhos da história**. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Org.). **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.

LAJOLO, M. **Livro Didático: um (quase) manual do usuário**. Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, p.3-9, 1996.

MIRANDA, S. R.; LUCA. T.R.; **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD**. Rev. Bras. Hist. vol.24, n.48, São Paulo, 2004.

RIBEIRO, Ana Elisa. **O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais**. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 333-341, out./dez. 2012.

Rosa M^a. Aparecida N. Verceze e Eliziane França M. Silvino. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guarajá- Mirim**. Práxis Educacional Vitória da Conquista v. 4, n. 4 p. 83-102 jan./jun. 2008.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: Arned, 2000.

SILVA, D. et al. **O livro didático de História no Ensino Fundamental**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade>. Acesso em 30 set. 2014.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUSA, Paula F. F. Kawamura, Maria R. D. **Livros didáticos como indicadores da possível diversidade cultural no currículo**. In: XII Encontro de Pesquisa em Ensino e Física, 2010, p.03.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO, Eliziane França Moreira. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim**. Revista Teoria e Prática da Educação, v.11, n.3, p.338-347, set./dez. 2008. (2008)

TALAMINI, Jaqueline Lesiniovski. **O uso do livro didático de história nas séries iniciais do ensino fundamental:** a relação dos professores com os conceitos presentes nos manuais. – Curitiba, 2009.

ANEXO

DIVISÃO DO LIVRO DIDÁTICO

UNIDADE 1 Diversidade e discriminação religiosa: Capítulo 1 – Os francos, Capítulo 2 – O feudalismo, Capítulo 3 – Os árabes e o islamismo, Capítulo 4 – Povos e culturas africanas: malineses, bantos e iorubas, Capítulo 5 – China e Japão. UNIDADE 2 – Arte e religião: Capítulo 6 – Mudanças na Europa feudal, Capítulo 7 – Renascimento e Humanismo; Capítulo 8 – Reforma e Contra reforma UNIDADE 3 – A formação do Estado Moderno: Capítulo 9 – Estado moderno, absolutismo e mercantilismo; Capítulo 10 – as Grandes Navegações; Capítulo 11 – América: astecas, maias, incas e tupis; Capítulo 12 – Espanhóis e ingleses na América; UNIDADE 4 – Nós e os outros: Capítulo 13 – Colonização Portuguesa: administração; Capítulo 14 – Economia e sociedade colonial açucareira. Abaixo a capa do livro traz uma criança negra, representando diversidade entre as nações.

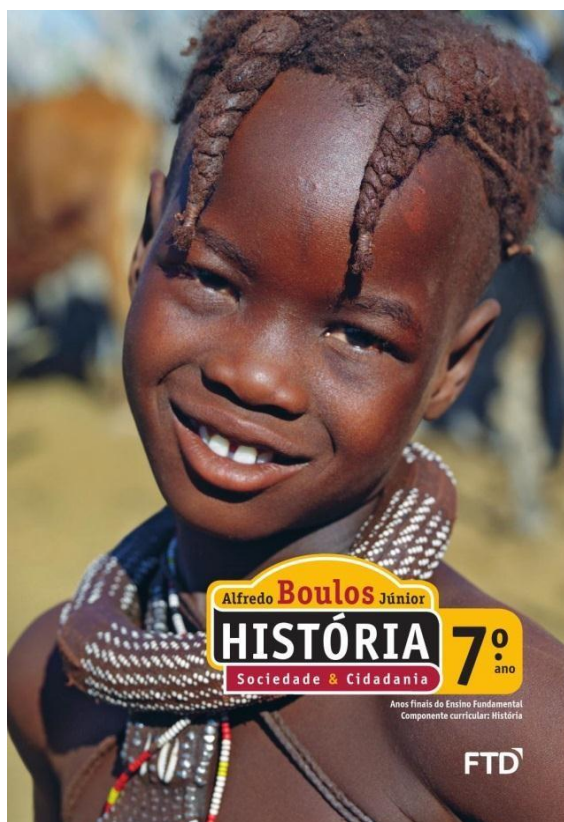


Figura 1: Capa livro 7º ano.

Fonte: Imagens Google.

O livro do 8º ano destinado aos alunos do ensino fundamental é dividido da seguinte forma: UNIDADE 1 – Dominação e resistência: Capítulo 1 – Africanos no Brasil: dominação e resistência; Capítulo 2 – A sociedade mineradora; Capítulo 3 – A sociedade mineradora; Capítulo 4 – Revoluções na Inglaterra; UNIDADE 2 – A luta pela cidadania: Capítulo 5 – O Iluminismo e a formação dos Estados Unidos; Capítulo 6 – A Revolução Francesa; Capítulo 7 – A Era Napoleônica; UNIDADE 3 – Terra e liberdade: Capítulo 8 – Independências: Haiti e

América espanhola: Capítulo 9 – A emancipação política do Brasil; Capítulo 10 – O reinado de D. Pedro I: uma cidadania limitada; Capítulo 11 – Regências: a unidade ameaçada; Capítulo 12 – O Reinado de D. Pedro II: modernização e imigração; Capítulo 13 – Abolição e República; Capítulo 14 – Estados Unidos e Europa no século XIX. Abaixo a capa do livro:

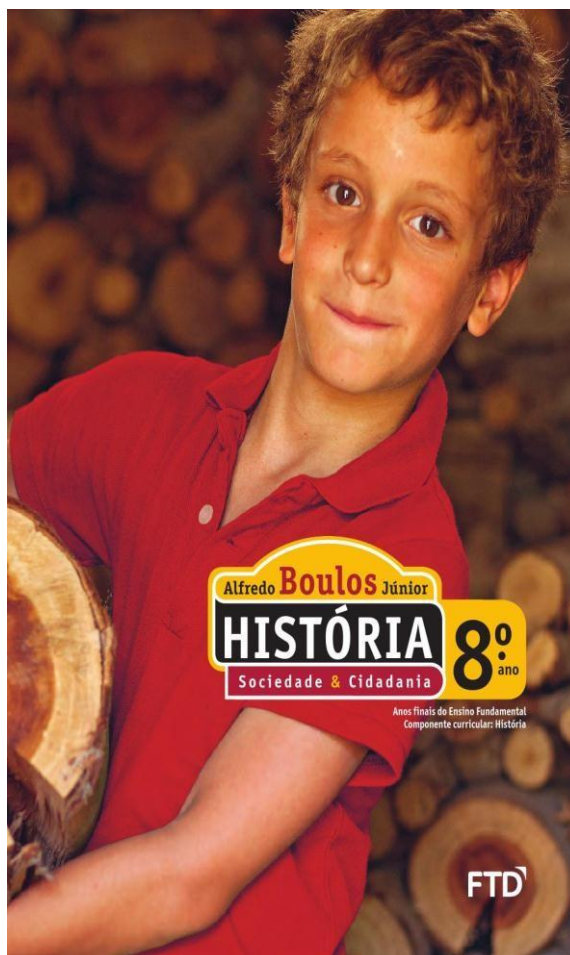


Figura 2: Capa livro 8º ano.

Fonte: Imagens Google.

O livro do 9º ano destinado aos alunos do ensino fundamental é dividido da seguinte forma: UNIDADE 1 – Eleições: passado e presente: Capítulo 1 – Industrialização e imperialismo; Capítulo 2 – A primeira Guerra Mundial; Capítulo 3 – A Revolução Russa; Capítulo 4 – Primeira República: dominação; Capítulo 5 – Primeira República: resistência; Capítulo 6 – A grande depressão, o fascismo e o nazismo; UNIDADE 2 – Políticas e propaganda de massas: Capítulo 7 – A Segunda Guerra Mundial; Capítulo 8 – A Era Vargas; UNIDADE 3 – Movimentos sociais: passado e presente: Capítulo 9 – A Guerra Fria; Capítulo 10 – Independência: África e Ásia; Capítulo 11 – O socialismo real: China, Vietnã e Cuba;

Capítulo 12 – Brasil de 1945 e 1964: uma experiência democrática; Capítulo 13 – Regime militar.

UNIDADE 4 – Ética na política: Capítulo 14 – O fim da URSS e a democratização do Leste Europeu; Capítulo 15 – A Nova Ordem Mundial; Capítulo 16 – O Brasil na Nova Ordem Mundial. Abaixo a capa do livro remete a paz, em um século em que se foi possível tantas guerras, infere-se que a o autor colocou a pomba, símbolo da paz, e tantas mãos que representam a tolerância as diversidades existentes.

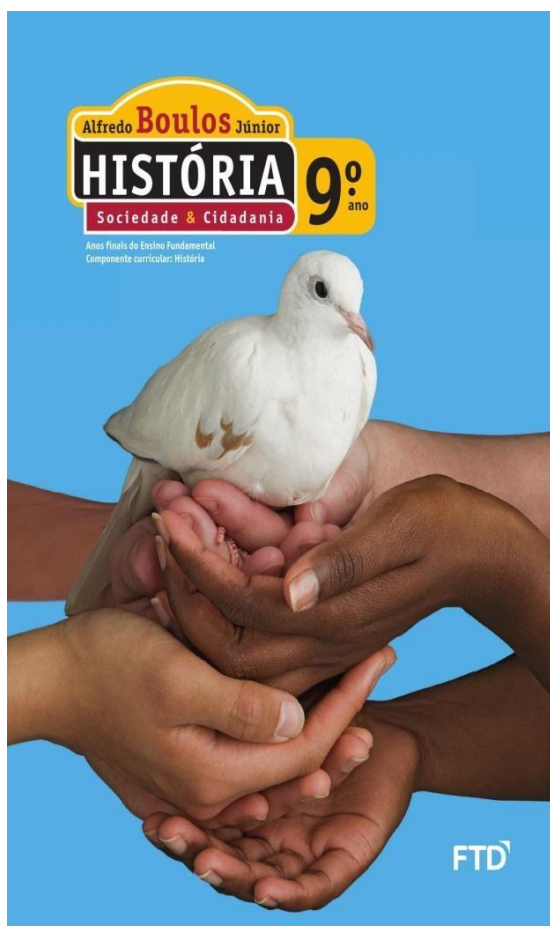


Figura 3: Capa livro 9º ano.
Fonte: Imagens Google.

Questionário

1. Qual(is) é principal(is) fonte(s) de pesquisa Professora de História para elaboração do planejamento?

- a) livro didático.
- b) livros paradidáticos
- c) internet
- d) revistas de interesse geral
- e) revistas especializadas
- f) enciclopédias
- g) outros _____
- h) nenhum

2. ASra escolheu esta coleção de livros por que motivo?

- a) após uma atenta leitura verifiquei que os textos eram de fácil compreensão para meus alunos
- b) já uso as obras deste(s) autor(es) há muito tempo e sinto que eles se ajustam perfeitamente aos meus objetivos didático-pedagógicos
- c) Quando entrei na escola os livros já tinham sido escolhidos e não tive qualquer participação no processo
- d) apesar de ter discordado da escola tive de aceitar essas obras por que minha posição foi minoritária na reunião que decidiu a adoção
- e) a escolha de livros didáticos em minha escola é feita pela direção (ou coordenação pedagógica)
- f) eu mesmo escolhi o livro mas estou arrependido(a) e gostaria de escolher outro
- g) eu mesmo escolhi o livro e, apesar das deficiências que ele apresenta, não conheço nenhuma outra obra que apresente um a melhor qualidade
- h) outros: _____

3. Quais critérios asra a utilizou para escolha do seu livro didático?

Tem que ter coerência com o PPP; Encadeamento ao longo de um ciclo e os conteúdos ajustados ao nível dos alunos. |Atenda uma linguagem simples de fácil entendimento para o nosso alunado e que também apresentem questões histórica, o passado, sem anacronismo (fato que não está de acordo com sua época), deve problematizar as questões, buscando informações, levantamento e tratamento adequado das fontes, e também fazer com que nossos alunos percebam os sujeitos históricos envolvidos (indivíduos e grupos).

4. Como é a discussão coletiva para a escolha do livro didático que ocorre no Ginásio Municipal de Sussuapara?

É promovida uma discussão aprofundada para que a seleção seja feita de forma democrática e apoiada nas concepções definidas no projeto político-pedagógico (PPP) e no Plano de Educação da rede. Verificamos também se o livro foi aprovado pela avaliação pedagógica, o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é primordial.

5. Há um consenso entre as escolhas entre os professores? Quando não há que critério utilizam?

Geralmente as escolhas se coincidem, tanto daqui quanto da Escola Helvídio Nunes que sempre andam juntas, porque ocorre da seguinte forma os professores mais experientes formam grupos com os novatos. Juntos, eles definem um item do currículo para analisar como ele é trabalhado pelas diferentes coleções, verificando a proposta temática, os conteúdos e as habilidades e competências que o material ajuda a desenvolver. Após o debate, a decisão final é tomada coletivamente. Quando há uma ou outra opinião divergente debatemos e fico atenta principalmente para verificar se a seleção condiz com a nossa proposta pedagógica.

6. Quais os desafios quando na análise da escolha do livro didático?

7. Na inexistência de livro didático, que tipo de leitura o Sra considera mais importante para que seus alunos desenvolvam com frequência? (Classificar por ordem de importância).

a) jornais

b) livros paradidáticos

c) revistas

d) apostilas

6) caderno de anotações de aula

7) enciclopédias, atlas, almanaques

8 () outros _____

Análise do Material didático adotado pelo professor

Roteiro para análise do Livro Didático

- Nome do livro:
- Autor (es):
- Volume:
- Ano:
- Editora:
- Número de páginas:

Roteiro Observação

Data da observação

Turma

Nº de aulas

Duração efetiva da aula

Alunos presentes

Feminino

Masculino

Local de realização da aula

Conteúdo da aula

Metodologia utilizada

Materiais/ recursos didáticos usados em aula

Há uma sequência lógica na apresentação do conteúdo?

O professor utiliza o conhecimento prévio que o aluno traz para a sala de aula?

Durante a aula o professor estimula o aluno a participar?

- O professor levou o livro didático para sala de aula?
- Os alunos levaram o livro didático para a aula?
- O professor pediu para os alunos abrirem o livro?
- O professor reproduziu o conteúdo do livro didático?
- O professor fez alguma leitura do livro didático com a turma?
- O professor propôs os exercícios do livro didático para a classe?
- O professor solicitou que os alunos copiassem alguma passagem do livro didático?
- O professor empregou o livro didático durante todo o momento de aula?
- O professor aproveitou algum site que o livro didático indicou?
- Os alunos consultaram o livro durante a aula?
- Os alunos utilizaram o livro para ajudar a resolver exercícios propostos pelo professor?
- O professor realizou algum experimento proposto pelo livro didático?
- O professor sempre recorre ao livro didático para alguma explicação?
- O professor parece confortável utilizando o livro didático em aula?
- O professor utilizou outro material de suporte para as aulas além do livro?
- 52
- O professor usa as figuras do livro didático para explicar algum conceito para os alunos?
- Houve aplicação de elementos do cotidiano/contextualização em sala de aula por parte do professor?
- O professor empregou interdisciplinaridade em algum momento da aula?
- O professor realizou resolução de exercícios com os alunos?
- O professor retomou conhecimento de aulas anteriores?
- O professor destinou tempo para o aluno escrever, resolver exercícios, fazer perguntas?

Os alunos compreenderam sem maiores dificuldades os direcionamentos do professor?

Os alunos participaram durante a aula?

Em qual momento pedagógico houve maior participação dos alunos?

Quais foram as dúvidas mais recorrentes durante o conteúdo?

Durante o conteúdo o professor estimula os alunos a pesquisarem sobre o assunto?

Divisão dos capítulos (estrutura interna dos capítulos):

- Atualidade da obra:

- Bibliografia utilizada no livro didático:

Conteúdo: Concepção da História (Tradicional, Crítica, genéticas ou dialógicas). Procure sempre exemplificar suas afirmações fazendo referências às colocações que constam no livro.

Permite a articulação significativa entre os tópicos e capítulos? Há coerência na articulação seqüencial dos conteúdos?

Relaciona os aspectos físicos, humanos e econômicos? Ex. como isso é articulado

Distingue fatos relevantes e informações desnecessárias? Ex. as ênfases que são dadas às informações.

Ilustrações (precisas? fácil compreensão? problematizam? convidam a pensar? Despertam curiosidades?) Ex. há uma relação das ilustrações com a realidade do aluno.

Corresponde ao suposto “nível” cognitivo dos alunos do grau de escolaridade? Ex. a código de linguagem está adequado. É realista? Ex. há uma relação dos conteúdos com a vida cotidiana dos alunos.

A linguagem é compreensível ? Ex. é acessível aos alunos, têm regionalidades?

Considera os objetivos formativos (valores, atitudes)? Ex. sugere mudanças no comportamento dos educandos?

Considera as habilidades dos alunos (resolver problemas, coletar informações, trabalhar em grupo, pesquisar...)? Ex. sugere atividades em envolvem trabalhos solidários?

Considera o contexto de vida dos alunos (valoriza a experiência pessoal dos alunos, inclui elementos da vivência)? Ex. há relação entre os conteúdos e a vida cotidiana dos alunos?

É compatível com as condições concretas do desenvolvimento das aulas? (Ex. Carga horária, recursos materiais...)

Exercícios:

Permite avaliar se a aprendizagem foi significativa ou solicitam respostas mecânicas (reprodução de informações)? Ex. sugere uma reflexão, uma análise

Instigam os alunos a refletirem, relacionarem conceitos...? Ex. estabelecem relações com o saber local

Linguagem cartográfica (legenda, orientação, escalas, limites...) ex. é possível os alunos compreender esse tipo de informação, está clara?

Qualidade e adequação (figuras, fotografias, mapas, tabelas, gráficos)



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Maria Eliana haef,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O uso do livro didático de História: as relações
entre o currículo prescrito e o praticado.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de outubro de 20 18.

Maria Eliana haef
Assinatura

Assinatura